

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

A PRESENÇA DOS INTERESSES PÚBLICOS E PRIVADOS NO
JORNALISMO DA FOLHA DE S. PAULO ONLINE

JOANA RIBAS BERNARDES LIMA

Orientador: Professor Dr. Claudio Novaes Pinto Coelho

SÃO PAULO
2016

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

A PRESENÇA DOS INTERESSES PÚBLICOS E PRIVADOS NO
JORNALISMO DA FOLHA DE S. PAULO ONLINE

JOANA RIBAS BERNARDES LIMA

Orientador: Professor Dr. Claudio Novaes Pinto Coelho

Dissertação apresentada à Faculdade Cásper Líbero para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, na linha de pesquisa Produtos Midiáticos: jornalismo e entretenimento, sob a orientação do prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho

SÃO PAULO

2016

Lima, Joana Ribas Bernardes

A presença dos interesses públicos e privados no
jornalismo da Folha de s. Paulo online / Joana Ribas Bernardes
Lima. - São Paulo, 2016

92 f. : il. ; 30cm.

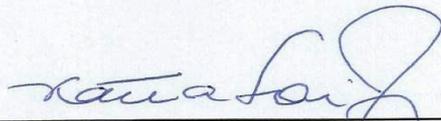
Orientador: Prof. Dr Cláudio Novaes Pinto Coelho
Dissertação em Comunicação, linha B - "Produtos
Midiáticos, Jornalismo e Entreterimento", 2016

1. Produtos midiáticos. 2. Jornalismo. 3. Público e Privado. 4. Manifestações. 5. Valores-Notícia. I, Cláudio Novaes Pinto. II. Faculdade Cásper Libero, Programa de Mestrado em Comunicação. III. A presença dos interesses públicos e privados no jornalismo da Folha de s. Paulo online.

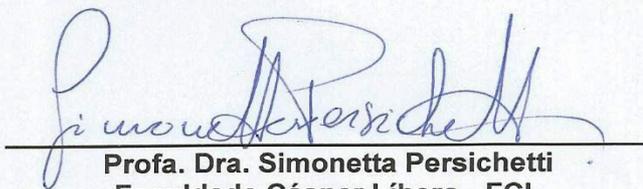
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Autora: JOANA RIBAS BERNARDES LIMA

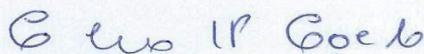
**“A PRESENÇA DOS INTERESSES PÚBLICOS E PRIVADOS NO
JORNALISMO DA FOLHA DE S. PAULO ONLINE”**



Profa. Dra. Katia Saisi
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP



Profa. Dra. Simonetta Persichetti
Faculdade Cásper Líbero - FCL



Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 21 de março de 2016

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, de quem herdei o interesse pela pesquisa e por tudo o que me ensinaram. Amanda, Carol e Rafael, obrigada pela paciência. Ao meu orientador Cláudio Novaes Pinto Coelho, por me presentear com a sua calma e um pouco de sua experiência acadêmica, e a todos os professores do curso de mestrado em Comunicação na Contemporaneidade da Faculdade Cásper Líbero com quem tive a oportunidade de aprender tanto ao longo deste período.

Resumo

Nesta dissertação desenvolveu-se uma pesquisa sobre como os interesses públicos e privados estiveram presentes na cobertura das manifestações de 2013 em São Paulo, através de um estudo da Folha de S. Paulo Online. Parte-se da hipótese de que nas páginas dos jornais, muitas vezes, vemos a presença de ideais e interesses privados, pois a voz dos personagens que participam dos fatos publicados acaba filtrada por uma visão: a de uma cultura profissional jornalística, que também é atravessada pelos valores da indústria jornalística. A verificação sobre como os interesses públicos e privados estiveram presentes nas notícias sobre as manifestações será feita através da análise de noticiário da Folha online. Foram analisadas 73 notícias publicadas ao longo do mês de junho de 2013 no site da Folha online que abordaram o assunto “manifestações”, quando referentes às manifestações relacionadas ao Movimento Passe Livre (MPL), e demais atos relacionados ao tema. As notícias foram estudadas de acordo com os critérios de noticiabilidade estabelecidos por Mauro Wolf (1987). Os tipos de enquadramento empregados nos levaram a crer que há um reducionismo na cobertura das manifestações. Foram averiguados valores e enquadramentos que acabam mostrando a valorização da busca pela audiência e o domínio dos interesses privados, mais do que pela qualidade da cobertura e o enriquecimento da interação com o público leitor, o que transmitiria qual é o verdadeiro papel social do jornalismo.

Palavras-chave: Produtos midiáticos, jornalismo, público e privado, manifestações, valores-notícia.

Abstract

In this dissertation we developed a research on how public and private interests were present in the 2013 demonstrations of coverage in São Paulo, through a study of Folha de S.Paulo Online. It started from the hypothesis that we often see the presence of ideals and private interests in the pages of newspapers often, and the voice of the characters participating in the published facts are filtered by a vision: a journalistic professional culture, which is also crossed by the values of the newspaper industry. On how public and private interests were present at the news of the demonstrations will be done by news analysis by Folha Online. We analyzed 73 articles published during the month of June 2013 in the Folha online site that discussed the topic "manifestations", when referring to events related to Movimento Passe Livre (MPL), and other acts related to the topic. The news were studied according to the newsability criteria established by Mauro Wolf (1987). The types of framework employees led us to believe that a reductionism in the coverage of events. Were checked values and frameworks that just show the value of the search for audience and the dominance of private interests, rather than the quality of coverage and enrich the interaction with the reading public, which would transmit what is the true social role of journalism.

Keywords:Media Products, Journalism, Public and Private, Manifestations, News Values.

Sumário

Introdução.....	08
Capítulo 1: O papel social do jornalismo e o público/privado.....	14
1.1: Os valores público e privado no jornalismo.....	23
1.2: Imprensa e esfera pública.....	29
Capítulo 2: Manifestações de junho de 2013 e análise da cobertura da Folha de S.Paulo Online.....	32
2.1 Manifestações de junho de 2013.....	32
2.2 Divisão de temas noticiados.....	38
2.3 Os valores notícia de seleção – critérios substantivos.....	53
2.4 Os valores–notícia de seleção – Os critérios contextuais.....	64
2.5 Os valores notícia de construção.....	71
3. Considerações finais.....	82
4. Referências Bibliográficas.....	85
5. Anexos.....	87

Introdução

Nesta dissertação desenvolveu-se uma pesquisa sobre como os interesses públicos e privados estiveram presentes na cobertura das manifestações de 2013 em São Paulo, através de um estudo da Folha de S. Paulo Online.

Parte-se da hipótese de que nas páginas dos jornais, muitas vezes, vemos a presença de ideais e interesses privados, pois a voz dos personagens que participam dos fatos publicados acaba filtrada por uma visão: a de uma cultura profissional jornalística, que também é atravessada pelos valores da indústria jornalística.

A ideia de público remete ao que pode ser chamado de um direito coletivo, de acesso a todos. Já o privado faz pensar em algo que pertence a um indivíduo ou a um grupo de indivíduos que defendem direitos particulares, ou seja, de acesso limitado.

A questão aqui colocada é verificar como esses interesses estiveram presentes na cobertura das manifestações que tiveram grande impacto na mídia e política brasileiras. Pretende-se avaliar se o público é desvalorizado em favor de interesses privados.

Os conceitos de público e privado foram escolhidos, pois o jornalismo é um exemplo prático do direito à informação, que é também um direito público. O

objeto de estudo é a análise da cobertura das manifestações, e de como os interesses do público foram trabalhados pela Folha de S. Paulo online no mês de junho (período com maior frequência dos atos).

A escolha da Folha de S. Paulo em especial, deu-se devido à sua trajetória. O jornal já passou por inúmeras reestruturações devido a diversas mudanças de proprietários. Como este trabalho trata de interesses privados, e conseqüentemente, também o interesse empresarial, a análise da Folha de S. Paulo, que assumiu um perfil empresarial ao longo de um período de mudanças no país, e na própria redação, será feita para ampliar os estudos sobre a presença dos interesses públicos e privados no jornalismo.

Dessa forma o objetivo geral deste trabalho é de entender a cobertura das manifestações de 2013 no jornalismo da Folha de S. Paulo fazendo uma análise sobre a maneira como o jornal trabalhou os interesses públicos e privados.

. E os objetivos específicos são:

- Diferenciar o caráter público e o privado do jornalismo, ressaltando sua função social.
- Investigar os valores da empresa jornalística na relação com seu público.
- Descobrir se o jornalismo está colaborando para o desenvolvimento da cidadania.

A verificação sobre como os interesses públicos e privados estiveram presentes nas notícias sobre as manifestações será feita através da análise de noticiário da Folha online. Serão analisadas 73 notícias publicadas ao longo do mês de junho de 2013 no site da Folha online que abordaram o assunto “manifestações”, quando referentes às manifestações relacionadas ao Movimento Passe Livre (MPL), e demais atos relacionados ao tema.

O objetivo da pesquisa é, a partir da análise da representação das ideias de público e privado, e do estudo do jornalismo como construção e não retrato da realidade, chamar a atenção para a necessidade de formas de exercício da profissão jornalística em que o diálogo com a esfera pública seja mais bem trabalhado. Não somente a visão do jornalista será questionada e analisada, mas também a cultura profissional jornalística. Pois todas as ações por meio das quais as pessoas expressam suas formas de ser, constituem a sua cultura. A cultura engloba tanto a linguagem com que nos comunicamos, até nossas crenças, visões de mundo, fazeres e saberes. Mais adiante, nos próximos parágrafos, serão mencionados os principais autores que ajudaram a dar forma aos conceitos, e somar conclusões ao trabalho.

Tendo por base os conceitos de público e privado em Hannah Arendt e Habermas, pretende-se valorizar uma visão social dos conceitos, introduzindo a questão de esfera pública incorporada na comunicação. Levando em consideração que a esfera pública é um ambiente de discussão igualitária, levanta-se a questão de trazer informação de qualidade ao público, de forma que

exista uma maior reflexão, resultando em uma discussão democrática a respeito de assuntos gerais que são veiculados diariamente pelos meios de comunicação.

São relevantes, também, autores como Traquina, que falam sobre o jornalismo como construção da realidade, o jornalismo como uma narração de “estórias” e não acontecimentos. Ele discute as teorias do jornalismo, e como trazer ao jornalismo a narrativa não como o espelho da realidade, formato ao qual estamos acostumados. Cremilda Medina, por sua vez, defende a atuação do comunicador como um mediador social, ou seja, aquele que ajuda a aproximar os personagens e leitores das narrativas cotidianas trabalhadas na notícia. Abordaremos o tema do enquadramento jornalístico e os critérios de noticiabilidade também com Traquina, que discute o que é notícia, e explica quais são os valores-notícia utilizados pelos jornais.

Estes temas ajudarão na análise das notícias. Também será utilizado Danilo Rothberg, sobre conceitos de enquadramento, que compõem perspectivas gerais através das quais os acontecimentos e situações do dia-a-dia são dados a conhecer a partir da notícia. “Trata-se de uma ideia central que organiza a realidade dentro de determinados eixos de apreciação e entendimento, que envolvem inclusive o uso de expressões, estereótipos sintagmas e etc”. (TRAQUINA, apud, ROTHBERG in: CHRISTOFOLETTI, 2010). Outro autor que trabalha com as ideias de enquadramento e valor notícia é Mauro Wolf, em seu livro Teorias da Comunicação, também estudado para a execução das análises e embasamento teórico deste trabalho.

Definida a noticiabilidade como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, dentre os quais há que selecionar as notícias, pode-se definir os valores notícia como uma componente da noticiabilidade. Esses valores constituem a resposta à seguinte pergunta: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias? (WOLF, 1987, p.173).

Também é relevante para este trabalho Luiz Mauro Sá Martino, que trabalha a questão de esfera pública e comunicação em Habermas, abordando ainda o infotimento e o mundo de exposição das celebridades.

Com este trabalho espera-se ter uma ideia se os interesses privados, voltados para a busca pela audiência, são determinantes da maneira como é feita a cobertura de notícias. No caso da cobertura das manifestações no mês de julho de 2013, feita pela Folha de S. Paulo online.

As análises foram feitas através da seleção de quais os temas dentre 8 palavras chave foram mais abordados em cada uma das notícias. Os temas foram: violência policial, vandalismo, movimento pacífico, diminuição da tarifa de transporte, black blocks, confronto e prisões, movimento passe livre, corrupção e outras reivindicações.

As notícias também foram estudadas de acordo com os critérios de noticiabilidade estabelecidos por Mauro Wolf (1987) que são: Os valores notícia

de seleção, que se dividem em critérios substantivos (a morte, notoriedade, proximidade, relevância, tempo, notabilidade, o inesperado, conflito ou controvérsia, infração e escândalo) e critérios contextuais (disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso).

E por último, os valores notícia de construção: simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância.

Todos os valores foram identificados na análise, quando aplicados na cobertura das notícias propostas, e serão mais bem detalhados adiante.

Capítulo 1 – O papel social do jornalismo e o público/privado

Nesta dissertação procura-se desenvolver uma reflexão sobre como os interesses públicos e os interesses privados estão presentes no jornalismo contemporâneo, por meio de um estudo sobre a construção das notícias na cobertura da Folha de S. Paulo on line das manifestações de junho de 2013 em São Paulo. Neste primeiro capítulo, serão abordados o jornalismo na contemporaneidade, seu papel social, e a relação entre o jornalismo e os interesses público/privados.

Parte-se da ideia de que os limites entre o público e o privado são tênues, e que embora as ações de responsabilidade social se voltem para a valorização do bem público e dos interesses sociais, nas páginas dos jornais vemos a grande presença dos interesses privados, pois o jornalismo acaba filtrado por uma visão: a de uma cultura profissional jornalística que é atravessada pelos valores da indústria jornalística.

O jornalismo está inserido numa sociedade que é organizada no modo de produção capitalista, e o objetivo deste estudo é tentar encontrar um quadro teórico que explique o caráter econômico e ideológico da notícia na sociedade. Segundo Marcondes Filho (1986), pode-se pensar em uma ciência da mensagem, em uma área de conhecimento que investigue o código linguístico e sua estrutura, neste aspecto, se entraria no campo específico da semiologia.

Enquanto processo maior, contudo, envolvendo mecanismos que envolvem meios, ideologias, usos políticos, manipulação e mobilização de massas, (como o é, de certa maneira, o caso do jornalismo) a comunicação só pode ser apreendida como a ligação de tudo isto, a ponte que torna compreensíveis os fenômenos de massa da sociedade moderna (MARCONDES FILHO, p. 62, 1986).

Negar essa perspectiva é cair no positivismo ingênuo de achar que os jornais, a notícia, são analisáveis como fenômenos isolados, separáveis em laboratório, onde se processaria a “divisão analítica” do real – o real visto como composto de partes dissociáveis - e se imaginaria que “a verdade está nas partes” (Cf, MARCONDES FILHO, 1986).

É muito importante principalmente para os jornalistas, entender as complexidades e influências das práticas da profissão. Ou seja, entender de que forma os interesses sociais estão sendo trabalhados.

Segundo Medina (1988) as notícias predominam no dia a dia, carregadas da dupla função de informar/distrair. Procuram atingir o maior número de leitores, daí a ênfase em informações sonho/realidade, novidades da “sociedade”, polícia e o mundo das emoções primárias, serviços de lazer, entrevistas e perfis de interesse humano – matérias ditas amenas. Exemplos disso: um grande incêndio ou acidente aéreo exige uma cobertura extensa, interpretativa que requer um

espaço mais amplo. Mas na cobertura diária normal e rotineira, a informação de consumo é o fato imediato de significação primariamente emocional.

O jornalismo tem uma relação conflitante entre os seus interesses empresariais e sociais. O trabalho jornalístico envolve tomadas de decisões cotidianas em que o jornalista é, ao mesmo tempo, uma espécie de servidor público da informação, e funcionário de uma empresa que visa o lucro.

Meyer em sua obra "*Media Democracy*", reflete que:

No ethos do jornalismo, há dois tipos de código. Um tipo é escrito por uma comissão, é tornado público e representa com bastante honestidade como os jornalistas pensam que deveriam agir. O outro tipo não é escrito, oculto às vezes da consciência dos próprios jornalistas. Por ser frequentemente inconsciente, este último código é mais difícil de descrever e analisar. Mas é o mais poderoso de ambos (MEYER, apud MARTINO, 2012, p.52).

Ou seja, os valores do jornalismo hoje não visam mais tanto a profundidade ou a discussão sobre os fatos noticiosos, a valorização do papel do jornalismo é substituída pela velocidade da informação, e a busca exacerbada pela objetividade da realidade e não a reflexão a respeito dos fatos.

A palavra do jornal não é simples meio para algum fim, parece destituída de sentido, e as outras parecem simples ficção, inverdade. Os juízos de valor são percebidos ou como publicidade, ou como conversa fiada. A ideologia é reduzida a um discurso vago e descompromissado. Justamente sua vagueza, a aversão quase científica a fixar-se em qualquer coisa que se deixe verificar, funciona como instrumento da dominação. Ela se converte na proclamação enfática e sistemática existente. A nova ideologia recorre ao culto do fato, limitando-se a elevar - graças a uma representação tão precisa quanto possível - a existência ruim ao reino dos fatos (Adorno e Horkheimer, 1985, p.138).

Os anos 1970 constituíram-se num momento importante na pesquisa sobre a comunicação, viu-se o jornalismo em um paradigma que é totalmente oposto à perspectiva das notícias como “distorção”, colocando em questão a ideologia do jornalismo e das notícias como espelho da realidade: emerge um novo paradigma: as notícias como construção (Cf. Traquina, 2012, p.169).

Dessa forma, a teoria das notícias como espelho é posta em causa; nos estudos que utilizam a perspectiva das notícias como construção, a teoria do espelho, ou seja, das notícias como replicação da realidade, é claramente rejeitada.

O filão de investigação que concebe as notícias como construção rejeita as notícias como espelho por diversas razões. Em primeiro lugar, argumenta que é possível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os media noticiosos que devem “refletir” essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neural é impossível. É da opinião de que os media noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores, incluindo os aspectos organizativos do trabalho jornalístico (Altheide, 1976), as limitações orçamentais (Epstein, 1973), a própria maneira como a rede noticiosa é colocada para responder à imprevisibilidade dos acontecimentos (Tuchman, 1978) (TRAQUINA, 2012, p.170/71).

Corroborando com essa afirmação, Traquina, apud, Bird e Darlene defendem que, “considerar as notícias como narrativas não nega o valor de as interpretar como correspondentes da realidade exterior” e acrescentam que, “as

notícias enquanto abordagem narrativa não negam o que se quer informar; os leitores aprendem com isso”(1988/1993. p.265).

Nessa mesma direção, Marcondes Filho (1986) recusa a qualquer jornal a função referencial pura. Para ele:

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas de mercado - lógicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político. Ela pertence, portanto, ao jogo de forças da sociedade e só é compreensível por meio de sua lógica. Essa lógica supõe três dimensões: a) a inserção da notícia como fator de sobrevivência econômica (infra-estrutural, portanto) do veículo (como mercadoria); b) como veiculador ideológico; e c) como estabilizador político (MARCONDES FILHO, p.13, 1986).

Segundo Soares (2009), o jornalismo é o caso mais controvertido dentro do campo de construção da realidade de mundo, pois se cobra uma precisão das representações. Ou seja, se aceita com certa naturalidade a ideia de que um comercial de TV ou um filme de ficção contenha representações construídas ou tendenciais, mas é difícil admitir esta inclinação quando se trata de uma reportagem, devido à suposição de um compromisso ético e profissional desse gênero, em estabelecer uma relação referencial com a realidade. No entanto, o jornalismo é necessariamente um relato particular dos acontecimentos: uma narrativa construída sobre um aspecto do mundo selecionado.

Como exemplo disso, Medina, (2003) diz que as técnicas de trabalho – as que informam o aprendiz de jornalismo – pecam por esquematismo tanto no que se refere às decisões éticas quanto à inventividade estética. Aplica-se o modelo mental quem, o quê, quando, onde, como e por que, equaciona-se a notícia por um *lead* sumário (abertura de matéria jornalística) e narra-se um fragmento da história por meio da pirâmide invertida. Aparentemente esta técnica (e suas variantes próximas), já impregnada na memória profissional é um sucesso histórico a partir do século XIX. Estão aí as agências de notícias internacionais que consagraram essas fórmulas. No entanto, qualquer situação-limite da humanidade provoca nos jornalistas lúcidos e nos analistas, uma angustiada reflexão a respeito das insuficiências da herança e da modernização técnica e tecnológica. De acordo com parâmetros éticos universais, esta gramática jornalística não dá conta das demandas coletivas.

A utilização de técnicas mecanizadas na produção de notícia e a recusa em situar a profissão no contexto de expressão humana, nada mais é do que esta característica da produção massiva, industrial em sua mais elevada forma:

Assim como uma roupa que se pode adquirir em uma loja, assim como uma fruta que se pode obter em uma quitanda, também notícias podem ser compradas. Elas não são somente produtos, como supõe a aceção mais ingênua. Elas são, de fato, "a forma elementar da riqueza no capitalismo (Marx); são mercadorias. São produzidas para um mercado real e encerram em si a dupla dimensão da mercadoria: o valor de uso e o valor de troca. Ao passar por uma banca de jornais, o indivíduo pode ser atraído para a aquisição de um periódico por força das promessas de satisfação de necessidades ou interesses que essa mercadoria

contém. Da mesma forma que uma roupa, um alimento, um objeto de uso pessoal, também o jornal é produzido para a venda. Uma informação pura e simples não é mercadoria. Para tanto é preciso que ela seja transformada em notícia. Um acidente só vira notícia se nele estiver envolvido alguém, que o jornal pretenda destacar, conforme suas intenções, positiva ou negativamente. O jornal, então, cria, a partir da matéria-prima informação, a mercadoria notícia, expondo-a à venda (por meio da manchete) de forma atraente. Sem esses artifícios a mercadoria não vende, seu valor de troca não se realiza (MARCONDES FILHO, 1986, p.25.).

Na mesma linha de pensamento, segundo Medina (1988), a informação jornalística é um reflexo do sistema econômico que está na base da sociedade atual. Há então que se considerar a informação como outro produto, mais um desse sistema. Nesse momento, portanto, é preciso examinar o problema no seu enquadramento geral: informação jornalística como produto de comunicação de massa, comunicação de massa como indústria cultural e indústria cultural como fenômeno da sociedade urbana industrializada. E não é possível discorrer sobre o jornalismo como um dado isolado.

Lippmann(2008), afirma também, em livro publicado originalmente em 1922, que um estudo da imprensa e das fontes de informação popular não encontrou lugar. É um fato curioso. A qualquer um que não esteja imerso nos interesses rotineiros da ciência política, é quase inexplicável que nenhum estudante americano do governo, nenhum sociólogo americano, tenha jamais escrito um livro sobre coleta de informação. Há referências ocasionais à imprensa, e as declarações do que ela não é, e do que ela deveria ser: “livre” e “verdadeira”. Mas essas características quase não se encontram mais. Universalmente é

admitido que a imprensa seja o principal meio de contato com o ambiente invisível. Praticamente em todos os lugares se supõe que a imprensa deveria fazer espontaneamente por todos o que a democracia primitiva imaginava que cada um faria espontaneamente para si próprio, e que cada dia e duas vezes ao dia apresentaria aos demais, uma imagem verdadeira do mundo exterior na qual se esteja interessado.

Cremilda Medina (1988) reflete sobre o porquê de o jornalismo de hoje não estar exercendo o papel que se imagina na teoria, dizendo que a identificação da mensagem jornalística com atividades urbanas, primeiro comerciais, e em seguida industriais, leva-a a expansão que hoje se identifica na comunicação de massa. Para o homem que se afasta do núcleo primitivo de uma sociedade tradicional e transita no espaço extenso e complexo do núcleo urbano entrelaçado com muitos outros núcleos, os problemas de informação se avolumam. Conforme a autora, “a imagem que o homem faz de seu ambiente é moldada por sua experiência” (MEDINA, 1988, p.15). Esta experiência por determinado período de tempo, para a grande maioria da humanidade, “esteve restrita a contatos diretos com reduzido número de outros seres humanos, com os quais cada pessoa vivia em sociedade numa diminuta área geográfica, circunscrita a uma distância que poderia cobrir a pé num dia”.

Complementando, Daniel Lerner (1973) diz que, ao espaço de interação social acrescenta-se outro não menos importante: o tempo. “As alternativas que

esse homem poderia ter”, continua o autor, “estiveram limitadas por sua experiência imediata do passado, em sua comunidade, e pelo que lhe foi transmitido oralmente por seus antepassados”. (LERNER, apud, MEDINA, p. 15, 1973). Com essas duas variáveis, tempo e espaço, a informação jornalística se alicerça na sociedade urbana e industrial.

Vencida uma das principais limitações humanas, tempo/espaço, ninguém tem dúvida ao atribuir a vitória aos recursos tecnológicos que veiculam a informação. E logo se percebe também que os próprios avanços tecnológicos fazem parte das necessidades da industrialização, ou que reforça a informação, no caso, jornalística como decorrência normal do sistema econômico que está na base.

Em estudo realizado por Wolf (2003), para o pensamento político oitocentista de cunho conservador, a sociedade de massa é, sobretudo, a consequência da industrialização progressiva, da revolução dos transportes e do comércio, da difusão de valores abstractos de igualdade e liberdade. Estes processos sociais provocam a perda da exclusividade por parte das elites que se veem expostas às massas. O enfraquecimento dos laços tradicionais (de família, comunidade, associações de ofícios, religião, etc) contribui, por seu lado, para afrouxar o tecido conectivo da sociedade e para preparar as condições que ao isolamento e a alienação das massas. Da mesma maneira:

Os jornalistas - seria preciso dizer o campo jornalístico – devem sua importância no mundo social ao fato de que detêm um monopólio real sobre os instrumentos de produção e de difusão em grande escala da informação, e, através desses instrumentos, sobre o acesso dos simples cidadãos, mas também dos outros produtores culturais, cientistas, artistas, escritores, ao que se chama por vezes de “espaço público”, isto é, a grande difusão. (É contra esse monopólio que nos chocamos quando, tanto quanto indivíduos ou enquanto membros de uma associação, de um agrupamento qualquer, queremos difundir amplamente uma informação) (BOURDIEU, 1997, p. 65).

Neste contexto do jornalismo, inserido na sociedade industrial de massas, que será estudada a relação do jornalismo e seus interesses público/privados, temas que serão mais bem detalhados no próximo item.

1.1 Os valores público e privado no jornalismo

A ideia de público remete ao que pode ser chamado de um direito coletivo, de acesso a todos. Já o privado faz pensar em algo que pertence a um indivíduo ou um grupo de indivíduos que defendem direitos particulares.

Hannah Arendt (2007) trabalha a ideia de público através de duas vertentes correlatas: primeiro na ideia de que tudo o que é público pode ser visto e ouvido por todos, é aquilo que nos faz ter a noção de realidade. Até mesmo as forças mais íntimas, que vivem uma espécie de existência incerta e obscura, em algum momento são desprivatizadas e se tornam adequadas à aparição pública.

Uma vez que a nossa noção de realidade depende totalmente da aparência, e portanto da existência de uma esfera pública na qual as coisas possam emergir da treva da existência resguardada, até mesmo a meia-luz que ilumina a nossa vida privada e íntima, deriva, em última análise, da luz muito mais intensa da esfera pública (ARENDR, 2007, p.61).

Em relação ao conceito de privado a autora aponta que o homem privado não se dá a conhecer, e, portanto, é como se não existisse. Para ela, parece ser da natureza da relação entre as esferas pública e privada, que o estágio final do desaparecimento da esfera pública seja acompanhado pela ameaça de igual liquidação da esfera privada:

Em relação a esta múltipla importância da esfera pública que o termo privado em sua acepção original de privação tem significado. Para o indivíduo viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação objetiva com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida (ARENDDT, 2001, p.69).

Não podemos esquecer que no mundo hoje, o público e privado se misturam de tal forma que fica difícil definir onde um acaba e o outro começa. Para Arendt, o público significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Este mundo, contudo, não é idêntico à terra ou à natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas, com os negócios realizados entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que juntos, habitam o mundo feito pelo homem. O mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens. (Arendt, 2001).

O jornalismo ecoa aquilo que a sociedade faz, portanto, dentro desta lógica, a autora completa que, nas condições do mundo comum, a realidade não é garantida pela natureza comum de todos os homens que o constituem, mas, sobretudo, pelo fato de que, a despeito das diferenças de posição e da resultante variedade de perspectivas, todos estão sempre interessados num mesmo objeto. Quando já não se pode discernir a mesma identidade do objeto, nenhuma natureza humana comum, e muito menos o conformismo artificial de uma sociedade de massas pode evitar a destruição do mundo comum, que é geralmente precedida pela destruição dos muitos aspectos nos quais ele se apresenta à pluralidade humana. O mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só lhe permite uma perspectiva.

As celebridades, por exemplo, são pessoas que, por algum motivo, mantêm seu nome na história como personagens da política, da ciência ou do pensamento. Nessa categoria é possível colocar Alexandre, o Grande, Júlio Cesar e Carlos Magno; Euclides, Heródoto e Hipácia; Sófocles, Aristóteles e Descartes¹. Havia uma sequência lógica: as pessoas fazem alguma coisa memorável e depois se tornam conhecidas. A lógica moderna das celebridades inverteu essa proposição. As pessoas se tornam conhecidas por qualquer motivo e depois fazem algo memorável. Às vezes (MARTINO, 2014).

¹Pensadores clássicos.

Em linhas gerais, como lembra Martino (2014, p.162), uma celebridade é conhecida por ser uma celebridade. Não há absolutamente nada nelas que as distingua de outras pessoas, exceto o fato de serem vistas por muita gente. Se a celebridade era uma questão de ação, atualmente é questão de visibilidade.

Na apropriação da vida real pelos meios de comunicação, o capital ultrapassou a fronteira que protegia o indivíduo de sua transformação em mercadoria: se as capacidades e talentos específicos já haviam se tornado um produto à venda, um novo estágio foi alcançado no momento em que o absolutamente normal é elevado à categoria de objeto de consumo.

A cultura da celebridade dirige uma imensa quantidade de tempo, recursos e trabalho à cobertura de questões que não existiriam fora da mídia. São a personificação do pseudoevento em um jogo de soma zero e resultado nulo (*idem*, 2014).

A lógica da produção de notícias não é mesma do mundo real. Televisão, rádio, jornais e revistas têm prazos, horários e tamanhos que precisam ser respeitados. Os acontecimentos reais não seguem essa lógica – aparentemente, não seguem lógica nenhuma. E não é todos os dias em que um evento real acontece em uma situação que possa implicar sua cobertura pela mídia. Não é todo dia em que há tragédias planetárias, casamentos de príncipes ou mudanças de sistemas políticos. Se isso não acontece, o valor dos acontecimentos decai. E nesse momento, o critério valor deixa de ser o fato em si, mas a sua possibilidade de ser transformado em notícia. Quando a questão “isto é real?” se torna menos importante do que “isto é notícia?” entramos na lógica do pseudoevento (MARTINO, 2014, p.165).

O jornalismo, inserido nesta lógica midiática de mercado, acaba trabalhando neste ritmo, os fluxos de notícia não podem parar. Ao ligar a televisão para assistir ao telejornal da noite, a pessoa espera receber notícias claras, interessantes e úteis. A lógica alucinada não deixa tempo para uma pergunta: há fatos interessantes o suficiente para gerar tanta notícia?

Os conceitos de público e privado foram escolhidos neste trabalho, pois o jornalismo é um exemplo prático do direito à informação, que é também um direito público. Entender se esse direito é respeitado ou não na notícia ajuda a entender de que forma os fatos são construídos. De acordo com Samuel Weiner, jornalista e empresário fundador do jornal Última Hora, “Ao povo brasileiro sempre faltou acesso à informação, então o jornal é um instrumento de comunicação e orientação” (WEINER *apud* MEDINA, 1982, p.190). A intenção é resgatar o que significa o jornalismo de fato, o papel da profissão, e o que ela representa na sociedade.

Na comunicação o profissional tem um papel formador e de conscientização da população. É responsabilidade do jornalista, ir a fundo à verdade e transmitir as informações de maneira clara e objetiva para que todos tomem conhecimento. Utilizando os veículos da mídia, o jornalista manifesta seu pensamento e seu posicionamento em relação aos fatos, por isso, este

profissional deve ser coerente com aquilo que acredita, e acima de tudo, deve ser atento a conduta ética que cercam os profissionais da comunicação.

Ao profissional de jornalismo que não vê em seu trabalho apenas uma mera execução de técnicas, cabe desenvolver-se nessas habilidades de agir e refletir. Agir e refletir sobre a realidade concreta, sobre o mundo, pois, conforme Cremilda Medina, pelo papel social que lhe está investido, “sua função é estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, extratos culturais e faixas até mesmo etárias” (MEDINA, 1982, p.22).

No exercício desse papel social, o jornalismo deve se integrar à vida social, “para rastrear o maior número possível de versões, na busca incessante por uma verdade inatingível, na solidariedade aberta a todos que tenham alguma coisa a falar” (MEDINA, 1982, p.23). Stuart Hall, teórico cultural e sociólogo jamaicano, e um dos fundadores da revista *New Left Review*, defende que o jornalista constrói a realidade, conforme ensinam as teorias construcionistas no sentido de “não permitir que os acontecimentos permaneçam no limbo do aleatório, mas sejam trazidos aos horizontes do significativo”(HALL, apud, TRAQUINA, 2005, p.171).

Sinteticamente então, o jornalismo tem um papel social importante e também um interesse econômico inegável. É possível unir os dois interesses de

forma que o seu papel social seja resgatado, dentro do paradigma do jornalismo como construção, conforme Traquina (2012). O avanço notável do estudo do jornalismo na década de 1970 dentro de teorias construcionistas está relacionado diretamente com as inovações metodológicas que contribuíram de forma decisiva para a riqueza da investigação.

Habermas (2003) trabalha a ideia de esfera pública, como um ambiente de debate democrático, o que se encaixa neste contexto e será mais bem explicado no item a seguir.

1.2 Imprensa e esfera pública

A esfera pública é um espaço de discussão social, que permite a construção de um tipo particular de consenso. Habermas (2003) entende a esfera pública pelo agir orientado do entendimento comum, e é por meio deste entendimento levantado por Habermas, que se dá um diálogo entre as partes dentro da esfera pública. Cabe aos meios de comunicação mediar este entendimento na formação de opinião, como um conjunto dos espaços de discussão social, onde a partir do livre debate, procura-se a compreensão.

O surgimento da imprensa significou o fim do monopólio do conhecimento pelas instâncias religiosas e universitárias, e alterou as relações de poder na

medida em que uma decisão política, publicada em uma folha, poderia deixar o ambiente fechado das decisões políticas e ganhar a paisagem das ruas.

Os meios de comunicação asseguram a vida social de uma ideia. Uma vez que lançado ao debate público, um pensamento poderia ser apoiado ou contrariado, mas não ignorado.

Habermas (2003) argumenta ainda, que o jornal como meio político, começou a ver seu fim ainda no século XIX, quando os jornais deixaram progressivamente de ser instrumentos políticos e se articulam como empresas de comunicação. O controle político perde espaço para o controle econômico.

Se as leis do mercado, que dominam a esfera do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social, também penetram na esfera reservada às pessoas privadas enquanto público, o raciocínio tende a se converter em consumo e o contexto da comunicação pública se dissolve nos atos estereotipados da recepção isolada (HABERMAS, 2003, p.190).

Em outras palavras, “a esfera pública, portanto, é um espaço comunicativo, discursivo, não formalizado, mas no qual podem formar-se consensos públicos em forma de opinião” (SILVEIRA, 2009, p.74). Habermas entende a esfera pública pelo agir orientado do entendimento, na busca pelo consenso. Os meios de comunicação têm o papel de fornecer informações para que haja um diálogo democrático entre as pessoas, e a informação de qualidade

as torna preparadas, proporciona uma capacidade de discutir seus direitos com maior propriedade.

O estudo da cobertura das manifestações ajuda na compreensão do papel social do jornalismo, muitas vezes o jornal acaba trabalhando de acordo com a lógica de mercado, na busca pela audiência, e a cobertura das manifestações é um exemplo dessa lógica. O que tentamos refletir aqui é sobre o papel do jornalismo, e a valorização deste. O pensamento complexo, uma cobertura mais detalhada trará,consequentemente, um leitor mais reflexivo, assim, ao invés de receptores automáticos teremos receptores mais conscientes.

O que será apresentado no próximo capítulo é a verificação dos interesses presentes na cobertura das manifestações que tiveram grande impacto na mídia e política brasileiras. Pretende-se avaliar se o público é desvalorizado em favor de interesses privados, ou não.

O que se sugere é uma descrição sobre o que foram as manifestações ocorridas na cidade de São Paulo, e a análise do tratamento dado pela mídia escolhida (Folha de S.Paulo), que se deu basicamente como crítica inicial e celebração ao longo e ao final dos acontecimentos que serão estudados.

Capítulo 2– Manifestações de junho de 2013 e análise da cobertura da Folha de S.Paulo Online

2.1 Manifestações de junho de 2013

As manifestações de junho de 2013 foram marcadas inicialmente pela reivindicação da diminuição da tarifa de transporte que aumentou vinte centavos naquele período, e foram organizadas principalmente pelo MPL (Movimento Passe Livre). As proporções das jornadas de junho aumentaram muito, assim como o número de pessoas que iam às ruas reivindicar, de forma que o seu foco foi mudando.

As passeatas foram fortemente divulgadas nas redes sociais, em sites da internet, e em grandes jornais e revistas do país. De acordo com Avritzer(2013), o interessante é que a partir da amostra dos grandes divulgadores dos movimentos na internet podem-se analisar quais foram as principais reivindicações e temas que apareceram na rede. Neste primeiro momento, o que aparece como o centro do movimento foi a ideia do passe-livre, se tomar como base os dados para o dia 07 de junho da plataforma Causa Brasil que sistematizou os dados de mais de 1.200.000 manifestações nas redes sociais (www.causabrasil.com.br).

Segundo estes dados, as principais demandas das manifestações no dia 07 de junho eram: preço das passagens, democracia, qualidade do transporte

público, postura da polícia e governo Dilma Rouseff. Neste caso, está bastante clara a origem do movimento.

Depois que as manifestações foram tomando proporções maiores, percebe-se que os temas e sua centralidade mudam radicalmente. Podemos dizer que houve claramente um deslocamento do tema do preço das passagens que acabou sendo substituído por três ou cinco temas com expressão muito semelhante: o governo Dilma, gastos das obras da copa, a segurança pública, saúde e educação. Neste momento, não ficou claro quais eram as pautas principais do movimento e mesmo quais eram as suas lideranças.

Segundo Eliana Natividade Carlos em sua dissertação “A Mídia e as Manifestações de junho de 2013: Uma análise de produtos midiáticos” pode-se constatar uma relação indivíduo X consumo bastante enraizada em alguns dos slogans apropriados pelos manifestantes para repercutir durante as passeatas:

Foi o caso, por exemplo, da frase bastante utilizada de “o gigante acordou”, visto que esta citação está bastante associada ao comercial do uísque Johnnie Walker, em que um gigante de pedra percorre as ruas da cidade do Rio de Janeiro. Outro caso emblemático foi a utilização da música da peça publicitária da Fiat que endossou o coro dos “Vem pra rua, vem”. Inclusive, resultou em um videoclipe, disponível no youtube, em que a música da propaganda é ilustrada de forma emocionante com as imagens das manifestações (NATIVIDADE CARLOS, p.82, 2013).

As jornadas de junho são mais uma ocasião para se perceber a estética da publicidade e a apropriação desta estética para atrair o público, senão, “os slogans publicitários não caberiam tão bem em manifestações que,

supostamente, tinham o interesse de questionar o próprio sistema capitalista que rege a nação” (NATIVIDADE, p.83, 2013).

Sabe-se que havia vontade popular de reivindicar mudanças, mas percebeu-se também que existia uma barreira, que impede as pessoas de debater sobre política e sobre seus direitos com propriedade. Esta dissertação reflete sobre isso, de como a falta de profundidade da mídia em relação às problemáticas sociais, contribui para este esvaziamento da experiência humana. Mais adiante serão apresentados dados da análise da cobertura da Folha online das manifestações que comprovam isso. As jornadas de junho de 2013, talvez tenham sido uma oportunidade perdida, um mero reflexo da fragilidade das discussões.

A crise de identidade, fomentada nos últimos anos com o crescimento da forma industrial de se fazer notícia, reduz o quarto poder a um mero apêndice dos grupos empresariais.

Nesta dissertação a proposta é o estudo desta forma de fazer o jornalismo, de como aparecem nos jornais os interesses midiáticos voltados para o público e suas responsabilidades sociais, e dos interesses privados, quando voltados apenas para o público como audiência e atendendo apenas à demanda de mercado. Isso foi feito a partir da análise da cobertura da Folha de S. Paulo online.

As notícias analisadas foram apenas as que se referiam às manifestações na cidade de São Paulo, maior e mais populosa cidade do Brasil com 11.895.893 habitantes, e onde ocorreu uma das maiores concentrações de pessoas durante os atos no país. A maior mobilização popular desde o início das ondas de protestos ocorreu um dia após os anúncios de revogação de aumento da tarifa de transporte coletivo em São Paulo com mais de 110 mil pessoas segundo o Datafolha, no dia 20 de junho de 2013.

A escolha da Folha de S. Paulo se deu basicamente pelo fato de ter sido o jornal de maior circulação na cidade de São Paulo em 2013 de acordo com a Associação Nacional de Jornais (<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>).

O jornal se consolidou como o jornal brasileiro de maior tiragem e circulação entre os diários nacionais de interesse geral, consolidando-se nesta posição durante a campanha pela redemocratização do país em 1984, quando apoiou os movimentos de eleições diretas para presidente.

A linha editorial da Folha propõe a busca por um jornalismo crítico, apartidário e pluralista. Estas características foram detalhadas a partir de 1981 em diferentes projetos editoriais presentes em sua página na internet (acesso em 10/02/2016: http://www1.folha.uol.com.br/institucional/linha_editorial.shtml).

Desde então, foram produzidos seis textos que procuraram traduzir na prática os princípios que constituem, no seu conjunto, o Projeto Folha. O último texto, redigido em 1987 propõe:

Organizar a experiência recente e apontar perspectivas para o futuro do jornalismo brasileiro. O documento ressalta as mudanças ocorridas ao longo da última década no plano internacional. Discute o impacto da revolução tecnológica e da expansão da economia de mercado sobre a imprensa. Registra o avanço de um jornalismo mais independente, ao mesmo tempo em que identifica suas deficiências e estratégias para superá-las (http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/proj_abertura.htm. Acesso em 10 de fevereiro de 2016).

Na parte propositiva, o texto apresenta diretrizes que visam a qualificar o conteúdo dos jornais, enfatizando uma abordagem mais compreensiva e criteriosa dos fatos.

Sua divulgação diz ter a finalidade de tornar público o compromisso do jornal com os valores e instrumentos por meio dos quais pretende melhorar a qualidade do serviço que vem prestando ao leitor e ao país.

A versão online foi escolhida pelo fato de que hoje, a busca de informação através dos portais online está crescendo gradativamente e, também pelo fácil acesso ao conteúdo, visto que a Folha online mantém um acervo de notícias online desde o seu surgimento.

Depois de verificar as propostas editoriais do jornal, notou-se que muito do que é proposto, muitas vezes acaba não aparecendo nas páginas de notícias.

O jornal, embora propriedade privada, é uma instituição da sociedade civil. Tem um importante papel na reprodução e preservação da ordem constituída, funcionando se não monoliticamente atrelado ao estado, pelo menos atuando como uma indústria de consciência, influenciando pessoas, comovendo grupos, mobilizando comunidades, dentro das contradições que marcam as sociedades. Os periódicos movem-se na direção dada pelas forças sociais que os controlam e/ou os influenciam, refletindo também as contradições inerentes às estruturas societárias que existem (MUNIZ, *apud*, MELO, 1999, p.13, 1985, p.57).

A concentração de empresas, característica do capitalismo monopolista, afeta igualmente as empresas jornalísticas, tornando-as membros do grupo dos detentores do poder político e econômico. Informação, comercialização e ideologia estão intimamente ligadas, mesmo com a preocupação dos meios de comunicação em apresentar uma retórica a serviço dos mitos jornalísticos da objetividade e da neutralidade. Tentam demonstrar que os espaços publicitários não influenciam na informação, que estão claramente delimitados e não contaminam as notícias. Há, entretanto, muito dos interesses econômicos nas matérias jornalísticas (MUNIZ, 1999, p.14, *apud*, VELEZ, 1985, p. 20).

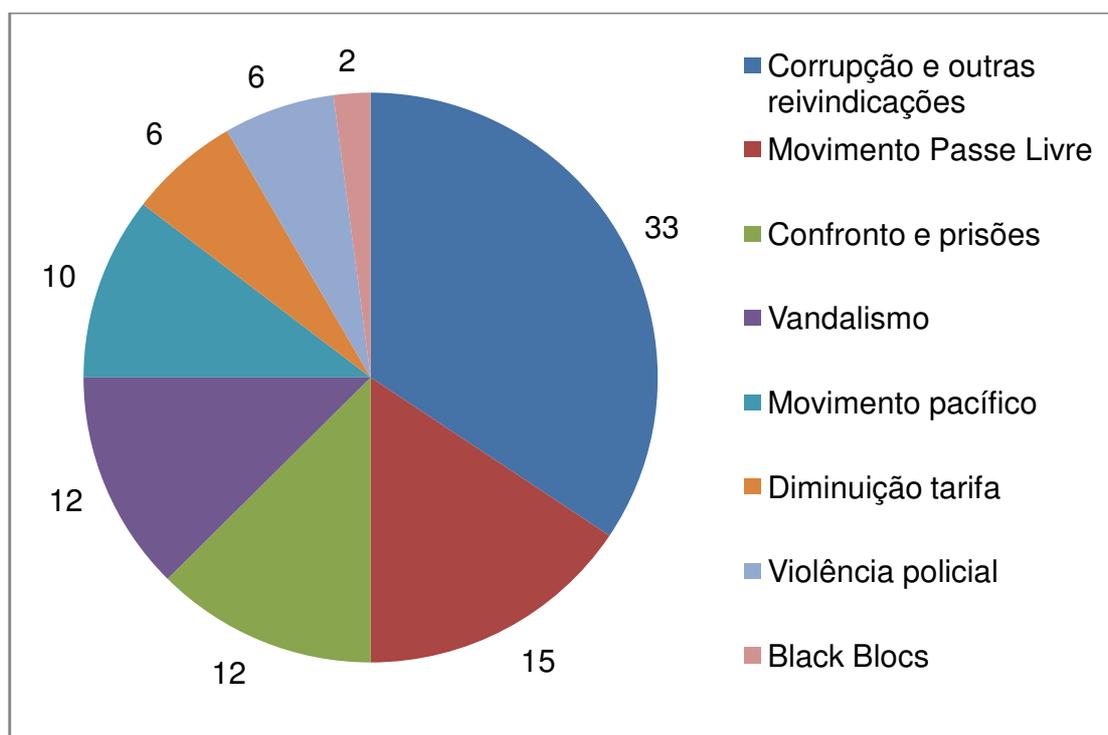
Mesmo que a Folha de S. Paulo proponha um jornalismo crítico e pluralista, através da análise da cobertura das notícias veiculadas em sua versão online, encontram-se notícias curtas, e com pouca profundidade.

2.2 Divisão de temas noticiados

Foram analisadas 73 matérias que tratavam a respeito das manifestações na cidade de São Paulo, apenas sobre os atos de junho de 2013 e o que ocorria naquele período. A exclusão de artigos opinativos se deu pelo fato de que muitas vezes estes textos refletem mais a visão do colunista do que do próprio jornal, e principalmente pelo fato da Folha propor um jornalismo democrático, que traduz visões diferentes em suas editorias, costuma trazer textos de cunho mais opinativo de pessoas com visões opostas, o que não traduz bem os interesses do jornal em si.

Dentre as notícias analisadas, foram escolhidos 8 temas frequentemente abordados: violência policial, vandalismo, movimento pacífico, diminuição da tarifa de transporte, Black Blocks, confrontos e prisões, Movimento Passe Livre, Corrupção e outras reivindicações. O gráfico abaixo ilustra bem como estes temas foram distribuídos:

Gráfico 1 - Temas



A seguir, a cunho de exemplificação, seguiremos com alguns exemplos de notícias onde cada tema é encontrado como abordagem principal.

Começando pelo tema principal, apesar de os atos de 2013 terem sido motivados principalmente pelo aumento da tarifa, a maioria das notícias trata sobre a reivindicação de melhoras na saúde pública, contra a corrupção, o governo, investimentos na copa do mundo, entre outras problemáticas na

política brasileira. 33 notícias tratam destes assuntos (corrupção e outras reivindicações). A seguir, dois exemplos:

'Não são só 20 centavos', dizem manifestantes na avenida Paulista

DE SÃO PAULO

19/06/2013 @ 19h42



Um grupo com aproximadamente mil pessoas está neste momento em frente à sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), na avenida Paulista, região central de São Paulo. Os manifestantes fecham a via e rumam no sentido da rua da Consolação.

PUBLICIDADE

Entoam o slogan "Não são só 20 centavos", em referência ao aumento da tarifa de ônibus no município, revogado nesta quarta-feira pelo prefeito Fernando Haddad (PT).

[Alckmin e Haddad decidem voltar tarifa de ônibus e metrô para R\\$ 3](#)
[Com redução das tarifas, SP anunciam cortes de investimentos](#)

As rodovias Castello Branco, Ayrton Senna e Régis Bittencourt tinham trechos bloqueados por volta das 19h30 desta quarta-feira devido a manifestações. Muitos grupos saíram em protesto pela região metropolitana de São Paulo após o anúncio da redução das tarifas do transporte público.

[Veja fotos](#)

A notícia acima mostra um dos principais temas vistos em cartazes, coros e que a maioria dos manifestantes argumentava nos atos de junho de 2013. A maioria dizia estar nas ruas por conta de todos os outros problemas políticos e sociais presentes no país além do aumento abusivo da tarifa de transporte.

Na notícia abaixo é nitido que o foco das manifestações mudou ao longo do tempo. A questão da diminuição da tarifa de transporte ficou em segundo plano nos atos.

Corrupção é principal motivação de manifestantes em SP, diz Datafolha

DE SÃO PAULO

21/06/2013 @ 19h06

OUVIR O TEXTO

Mais opções

Apesar de a principal pauta das manifestações em São Paulo ser a redução das tarifas do transporte público, o principal motivo de participação foi a luta contra a corrupção, de acordo com pesquisa Datafolha realizada durante o protesto da última quinta-feira (20).

PUBLICIDADE

Metade dos entrevistados citou a corrupção como a principal bandeira. Em seguida aparecem queda na tarifa (32%), contra os políticos (27%), melhora na qualidade do transporte (19%) e contra a PEC 37 (16%) --a soma dá mais de 100% porque puderam citar mais de um motivo.

A margem de erro da pesquisa, que entrevistou 551 manifestantes durante toda a manifestação na avenida Paulista, é de 4 pontos percentuais para mais ou para menos.

[Veja o mapa dos protestos que acontecem pelo país](#)
[Quais as novas bandeiras? Veja no protestômetro](#)
[Veja o resumo dos 14 dias de protestos na capital paulista](#)

O segundo tema mais presente nas notícias, foi a respeito do Movimento Passe Livre, e quais eram as reivindicações do grupo. A notícia abaixo mostra que, também na visão do movimento, o foco das manifestações mudou.

MPL acusa onda conservadora e desiste de novas manifestações

ANA KREPP
DE SÃO PAULO

21/06/2013 @ 10h53

 OUVIR O TEXTO

 Mais opções

O Movimento Passe Livre anunciou hoje a suspensão de novas manifestações em São Paulo. Segundo um dos integrantes do grupo, que pleiteia tarifa zero nos transportes públicos, "grupos conservadores se infiltraram nas manifestações" e defenderam, ontem, propostas como a redução da maioria penal.

PUBLICIDADE

"A gente acha que grupos conservadores se infiltraram nos últimos atos para defender propostas que não nos representam", disse Rafael Siqueira, 38, professor de música e ativista do MPL desde 2006. De acordo com ele, o recuo do movimento foi decidido no final da noite de ontem, por consenso, após os incidentes na Paulista.

Até então, o MPL cogitava manter as manifestações na semana que vem em solidariedade às cidades que ainda não tiveram redução no valor das passagens e em favor da retirada de processos criminais a que respondem alguns manifestantes.

O terceiro tema mais presente foi o vandalismo por parte dos manifestantes, algo curioso, pois apesar de violência policial ter sido um tema bastante polêmico, ele foi menos abordado pela Folha online. Por exemplo, a notícia abaixo:

Para comandante da PM, protesto contra tarifa tem gente que não usa transporte

DE SÃO PAULO

13/06/2013 @ 13h46



O comandante-geral da Polícia Militar de São Paulo, coronel Benedito Roberto Meira, afirma que há grupos que aderem às manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre contra o aumento da tarifa do transporte que não precisam andar de ônibus ou metrô.



"Muitas pessoas dentro desse movimento sequer precisam do transporte público, essa que é a grande verdade. São pessoas que vão com um único propósito, não de manifestar pelo preço da tarifa do transporte público, nada disso. Vão lá com o propósito de vandalismo, de agredir as pessoas, de provocar pânico e causar sensação de insegurança", afirma.

[Alckmin diz que não é possível reduzir valor de passagem em SP](#) [PM de SP diz que manifestantes não ficarão mais "à vontade" pela cidade](#)

Ele diz que a população que depende do transporte público não aprova a ação dos manifestantes e que a polícia apenas cumpriu seu papel constitucional nos últimos protestos do movimento na capital paulista.

"A partir do instante que essas pessoas extrapolam, começam a interferir no direito de ir e vir das pessoas, e obviamente se isso se ampliar para vandalismo, para atos ofendendo a integridade física dos policiais, a polícia precisa restabelecer a ordem."

O comandante nega que a polícia tenha agido com excesso nos protestos ou durante a detenção de manifestantes suspeitos de vandalismo.

"Durante todos esses dias não se vê nenhum policial militar fazendo uso de arma de fogo, porque os meios têm que ser os meios necessários. Se há necessidade de munição química, usamos munição química. Quando há necessidade apenas do contato corporal, os policiais fazem bloqueio e impedem a ação dos manifestantes." **(ANDRÉ MONTEIRO)**

A notícia trata a respeito da violência e vandalismo, porém, foi dada voz a um tipo de personagem específico. A visão da polícia. Talvez uma reflexão mais

bem investigada trouxesse uma discussão mais completa, pois neste caso entende-se que há manifestantes violentos, que não usam transporte público, e isso traz uma visão unilateral ao público leitor.

Outro tema bastante abordado foi: confrontos e prisões, presentes em 12 das 73 notícias analisadas:

É impossível controlar a revolta, diz movimento após protestos

DE SÃO PAULO

08/06/2013 @ 03h21

f Compartilhar

8

Tweeter

0

8*

0

OUVIR O TEXTO

+ Mais opções

O Movimento Passe Livre classificou de "brutal" a ação da PM e, por meio de nota, disse que "não incentiva a violência em momento algum de suas manifestações".

"Mas é impossível controlar a frustração e a revolta de milhares de pessoas com o poder público e com a violência da Polícia Militar", diz a nota, divulgada antes dos protestos de ontem.

[Haddad não se pronunciou sobre manifestações](#)
[Alckmin defende ação da polícia na av. Paulista](#)

Segundo o grupo, "dezenas de pessoas" foram feridas pela polícia no ato na avenida Paulista.

A PM nega truculência e afirma que agiu para "garantir a preservação da ordem, a livre manifestação e o direito de ir e vir das pessoas".

Dos 15 detidos no protesto de anteontem, dois continuavam presos ontem à noite.

Um deles é um ajudante geral de 18 anos acusado de depredar uma estação de metrô e que, segundo a polícia, disse não ter os R\$ 3.000 para pagar a fiança estipulada.

O outro homem é um mecânico de 35 anos que foi preso quando ateuva fogo em sacos de lixo e fazia barricadas. Para ele, segundo a secretaria, não foi estipulada fiança.

Os demais presos foram liberados, alguns depois de pagar fianças de R\$ 678 a R\$ 3.000, e outros depois de prestarem depoimento.

Foi o caso de Altino de Melo Prazeres Júnior, presidente do sindicato dos metroviários. Filiado ao PSTU, ele disse ontem que estava na manifestação por ser contra a alta da tarifa, mas que não concorda com vandalismo.

O Metrô informou ter tido prejuízo de R\$ 73 mil em vidros e luminárias quebradas e que vai "acionar judicialmente os autores por danos". ★★

PUBLICIDADE

MRV
Engenharia

2 quartos - Área de lazer.
Entrada dividida!
Mensais a partir
de R\$ 299,*

*Ref. Mensais durante a obra
Ap. 401 - Bl. 02 - Bela Europa

Na notícia acima, nota-se que o foco são os prejuízos causados pela depredação por parte dos manifestantes. Não é muito discutida a ação violenta da polícia, nem o detalhamento das reivindicações dos manifestantes, ou o número de pessoas que se mobilizou. O que causa certo distanciamento com o público leitor, não se investe no diálogo aprofundado com o público, o foco são objetos, e não problemáticas.

O seguinte tema mais abordado foram as manifestações pacíficas, tratadas em apenas 11 das 73 notícias:

Manifestantes se dividem durante passeata em São Paulo

DE SÃO PAULO

17/06/2013 18h14

 Ouvir o texto

Mais opções

O grupo de manifestantes que se concentrou no largo da Batata na zona oeste de São Paulo na tarde desta segunda-feira para o protesto contra o aumento das tarifas decidiu se dividir.

Militantes do Movimento Passe Livre decidiram dividir a passeata em dois grupos. Uma parte vai pela avenida Rebouças sentido marginal Pinheiros, e outra pela avenida Faria Lima. Inicialmente, um grupo liderado pelo partido PSTU disse que seguiria em direção à avenida Paulista, mas desistiu do trajeto.

"Dividir a passeata ajuda a dividir a ordem, por isso a decisão", disse o militante Matheus Treis.

O major Wilhelm diz que não há problemas na divisão e que os manifestantes podem ir por onde quiserem, inclusive fechar vias.

"Liberdade democrática de manifestar hoje, beleza?", disse o major à **Folha**.

[Veja imagens](#)

PUBLICIDADE

Apesar de os atos de junho de 2013 terem começado pela diminuição da tarifa, a maior motivação dos primeiros manifestantes irem às ruas, em apenas 7 notícias o foco foi este:

Movimento Passe Livre diz que não vai recuar enquanto tarifa não diminuir

LEANDRO MACHADO
DE SÃO PAULO

17/06/2013 @ 11h15



Integrantes do Movimento Passe Livre, que organiza as manifestações contra o aumento da tarifa do transporte em São Paulo, disseram na manhã desta segunda-feira que o grupo não pretende parar os protestos enquanto o aumento da tarifa não for revogado pela prefeitura e pelo governo do Estado.

Enquete: O movimento Passe Livre vai conseguir reduzir o preço das tarifas?

"As pessoas estão exigindo uma pauta única, clara e específica, que é a revogação do aumento. Negociar algo diferente do que a população quer seria uma traição", disse Caio Martins, 19, estudante de história da USP e membro do Movimento Passe Livre.

A posição foi dada durante entrevista coletiva na sede dos Sindicatos dos Jornalistas, no centro de São Paulo.

Às vésperas do protesto de hoje, marcado para as 17h no largo da Batata, zona oeste, o movimento convidou o prefeito Fernando Haddad (PT) para debater o reajuste na quarta-feira (19), às 10h, também na sede do Sindicato dos Jornalistas.

Apesar de terem confirmado presença na [reunião extraordinária do Conselho da Cidade marcada para amanhã](#), os integrantes afirmam que o encontro não é o espaço ideal para discutir o aumento. O conselho é um órgão consultivo criado pelo prefeito neste ano e reúne 136 membros de movimentos sociais, entidades de classe, empresários, entre outros.

"A gente agradece o convite, mas entende que esse espaço não é adequado para negociação", disse Érica de Oliveira, do MPL.

Os integrantes do movimento também comentaram a [reunião desta manhã com o secretário de segurança pública de São Paulo](#), Fernando Grella Vieira, para debater o trajeto do protesto de hoje.

"Nós não sabemos qual vai ser o trajeto. Ele surge na hora, depende do número de pessoas e dos grupos presentes", afirmou um dos integrantes.

Eles querem usar o espaço com o secretário para discutir a repressão e a forma como a polícia vai atuar. "O movimento é pacífico. O vandalismo acontece como reação à violência policial. A gente não estimula o vandalismo", disseram os integrantes.

REFORÇO

Os protestos contra o aumento das tarifas de transporte público devem ganhar reforço do movimento gay, de trabalhadores e até de mães de manifestantes.

As mães estão se mobilizando para comparecer hoje ao quinto ato que pede revogação do aumento das passagens do transporte público em São Paulo. A concentração será às 16h, em frente ao Instituto Tomie Ohtake.

O evento, criado no Facebook para organizar o encontro, contava com mais de 1.500 confirmações até a tarde de ontem. "Acho importante que não seja um movimento caracterizado como só de jovens", diz Noemi Jaffé, mãe de dois manifestantes.

A ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) também divulgou apoio à manifestação e convocou todos os associados e entidades filiadas a "somarem-se nas ruas nessa luta que também é nossa".

Metalúrgicos de São José dos Campos, trabalhadores rurais do interior paulista, operários da construção civil e funcionários do comércio também integram algumas das categorias que devem engrossar os protestos a partir da semana que vem.

A CUT (Central Única de Trabalhadores) e Força Sindical se posicionaram contra a repressão policial nas manifestações. Mas não está certo a participação de seus sindicatos no protesto de hoje.

As cenas de violência policial e de vandalismo vistas nas manifestações ocorridas em São Paulo e no Brasil, no mês de junho de 2013, trouxeram à tona a questão de qual deve ser o papel da polícia e de manifestantes em episódios desta natureza. A violência, infelizmente, trata-se de um fenômeno recorrente e vastamente documentado, e conta com o apoio de parte da população, que credita à polícia o uso indiscriminado da força.

Apesar de a violência policial ter sido uma das maiores polêmicas das manifestações, apenas 6 notícias abordaram o tema na cobertura da Folha online.

Em protesto, sete repórteres da Folha são atingidos; 2 levam tiro no rosto

DE SÃO PAULO

13/06/2013 @ 21h13 - Atualizado em 14/06/2013 às 01h22



Sete jornalistas da **Folha** foram feridos com balas de borracha ou atingidos por spray de pimenta de policiais militares de São Paulo enquanto cobriam as manifestações contra o aumento das tarifas de ônibus na região central. Os sete estavam identificados como profissionais de imprensa.



A repórter da TV Folha Giuliana Vallone teve a região do olho direito atingida por uma bala de borracha e foi hospitalizada. A **Folha** repudia toda forma de violência e protesta contra a falta de discernimento da Polícia Militar no episódio.

A cabeleireira Valdenice de Brito, 40, testemunhou o momento do disparo. "Quando ela me disse para sair dali por causa do tumulto, um policial mirou e atirou covardemente nela."

Giuliana foi socorrida por funcionários de um estacionamento. Outros cinco jornalistas da **Folha** também foram atingidos. Um deles, o repórter-fotográfico Fábio Braga foi atingido por dois disparos. Um atingiu o rosto e o outro a virilha.

"Estávamos perto do Choque, encostados numa parede para nos defender das balas de borracha, quando a polícia se afastou de nós e jogou três bombas de gás lacrimogêneo na nossa direção. Foi quando me perdi do outro repórter e acabei desmaiando depois de fugir dali", relatou a repórter Ana Krepp.

Em nota, o secretário da Segurança Pública de São Paulo, Fernando Grella Vieira, disse que lamenta os episódios e determinou a "abertura imediata de investigações, pela Corregedoria da PM, para apurar rigorosamente os fatos".

OS JORNALISTAS ATINGIDOS

Giuliana Vallone
Félix Lima
Rodrigo Machado
repórteres da **TV Folha**

Ana Krepp
Leandro Machado
Repórteres do caderno Cotidiano

Fábio Braga
Marlene Bergamo
Repórteres fotográficos da **Folha**

A matéria acima foi de suma importância na cobertura da Folha de S. Paulo, que não teve outra a saída a não ser começar a pautar a violência policial, visto que alguns de seus repórteres sofreram com a repressão.

Apesar de ficarem muito conhecidos nas manifestações por serem adeptos da estratégia anarquista, em grupos de pessoas vestidas de preto pregando a desobediência civil, apenas duas notícias falaram a respeito das ações dos Black Blocs na cobertura das manifestações em São Paulo. Segue uma delas:

Serviço secreto da PM diz que PSOL 'recruta' punks para protestos

MARIO CESAR CARVALHO
DE SÃO PAULO

16/06/2013 03h15

Compartilhar 141 Ouvir o texto Mais opções

O serviço secreto da Polícia Militar afirma em relatórios sobre as manifestações contra o aumento das tarifas de transporte em São Paulo que os grupos mais violentos nem sempre agem de maneira espontânea.



Punks que partem para o quebra-quebra são arregimentados por militantes do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) com o objetivo de desgastar o PT do prefeito Fernando Haddad e o PSDB do governador Geraldo Alckmin, de acordo com documentos sigilosos aos quais a **Folha** teve acesso.

[Serviço secreto da PM diz que PSOL 'recruta' punks para protestos](#)

[Análise: Polícia insuflou protestos em SP e Istambul](#)

[No Movimento Passe Livre 'não pode ter cara de playboy', diz estudante](#)

Para a polícia, a forma de ação desses supostos punk é "semelhante a atos de guerrilha". Seria também uma forma que integrantes do PSOL teriam encontrado de constranger os dois governantes sem aparecer numa situação que poderia desgastar a imagem do partido, de acordo com esses relatórios.

Um dos relatórios do P2, sigla pela qual é conhecido o serviço reservado da PM, frisa que não há envolvimento do PSOL como partido, mas de militantes avulsos. A avaliação foi feita por policiais militares infiltrados.



Jovens durante a manifestação contra o aumento da tarifa nas ruas de SP; polícia diz que PSOL recruta 'punks' para os protestos

Os punks e anarquistas partem para o que a polícia chama de "ataques paralelas" sempre que suas propostas são rejeitadas pelo Movimento Passe Livre, que convoca as manifestações.

O presidente nacional do PSOL, o deputado federal Ivan Valente, diz que a avaliação é completamente equivocada. "Os arapongas sempre cometem erros crassos de avaliação política. O

PSOL nunca apoiaria esse tipo de comportamento. Não precisamos utilizar ninguém para criticar governos".

PINGA ANTES E DEPOIS

O monitoramento mostrou que os punks seguem um ritual que se repete nas manifestações, segundo os relatos feitos. Tomam pinga antes de começar os protestos, esperam o movimento atingir o seu ápice para começar a agir e comemoram os resultados com mais pinga depois que o corre-corre acaba.

Para destruir vitrines e janelas, eles usam uma meia recheada com ferro e pregos, segundo o relato dos PMs.

A polícia diz que os punks que seriam recrutados por militantes do PSOL já acreditavam na violência como forma de protesto. Parte deles é ligada ao Black Bloc (Bloco Negro), uma estratégia anticapitalista que nasceu na Alemanha, nos anos 70.

Os black blocs pregam o ataque a símbolos como o McDonald's como uma forma de combate ao capitalismo. Todos usam máscaras e roupas pretas, tida pelos anarquistas como a cor da negação.

A avaliação da polícia é que o Movimento Passe Livre tem intenções "sinceras" ao defender a redução da tarifa de R\$ 3,20 para R\$ 3,00 e não tem orientações violentas. Mas, como não aceita lideranças, permite que esse tipo de comportamento violento explore o movimento.

A inexistência de lideranças é considerada o pior pesadelo para a polícia porque não há alvos claros. Outra dificuldade é separar a ação política dos atos criminosos.

Para a compreensão de como se deu a cobertura da Folha de S. Paulo online, foram verificados os valores-notícia segundo Nelson Traquina (2008) nas matérias. O autor, baseando-se em Bourdieu, defende que os jornalistas têm óculos particulares: seus valores notícia. Escreve Bourdieu apud Traquina(1997, p.12): "Os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais vêem certas coisas e não outras, e vêem de uma certa maneira as coisas que vêem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado". Um ponto fulcral em relação à problemática dos valores- notícia é a distinção entre os valores-notícia de seleção e os valores notícia de construção.

Segundo Traquina, foi o acadêmico italiano Mauro Wolf (1987) que apontou que os valores notícia estão presentes ao longo de todo o processo de seleção jornalística, ou seja, no processo de seleção dos acontecimentos e no processo de elaboração da notícia, isto é no processo de construção da notícia.

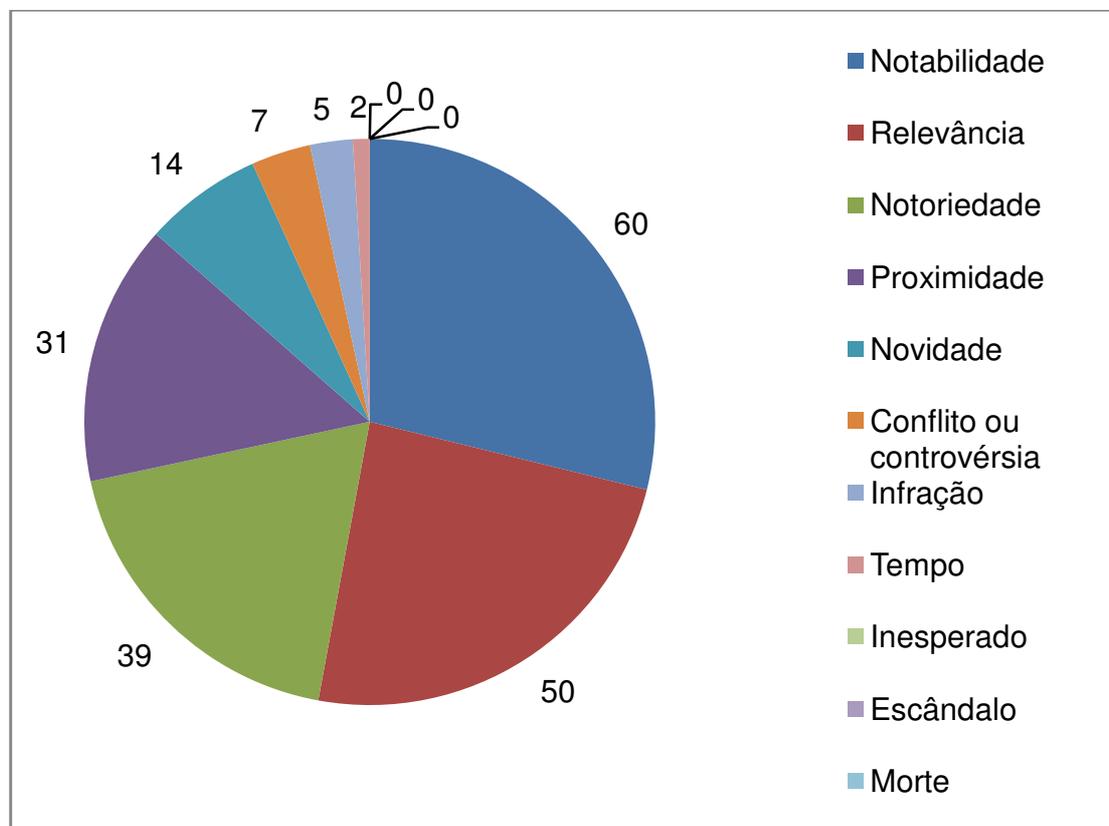
Assim, Wolf estabeleceu a distinção entre os valores-notícia de seleção e os valores notícia de construção. Os de seleção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos, isto é, na decisão de escolher um acontecimento candidato à sua transformação em notícia e esquecer outro acontecimento. Os valores-notícia de seleção estão divididos em dois sub-grupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito a avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como

notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia.

2.3 Os valores notícia de seleção – critérios substantivos

Os critérios de seleção substantivos são divididos em 11 subgrupos. Sendo eles: notabilidade, relevância, notoriedade, proximidade, novidade, conflito ou controvérsia, infração, tempo, inesperado, escândalo e morte. Dentro das notícias analisadas, os critérios de noticiabilidade foram divididos da seguinte forma:

Gráfico 2 - Os valores notícia de seleção– critérios substantivos



Obs: Algumas notícias foram caracterizadas com mais de um critério.

A seguir, vamos explicar um pouco de cada valor-notícia e depois discorrer sobre o porquê de, no caso, a notabilidade e relevância terem sido os critérios de maior destaque. Estes dados são importantes para justificar o fato de ter-se concluído que a cobertura das manifestações de 2013 pela Folha online tenha sido simplista, em domínio de interesses privados, o que não construiu um diálogo profundo com o seu público leitor.

Notabilidade: O valor notícia da notabilidade alerta para a forma como o campo jornalístico está mais voltado para a cobertura de acontecimentos e não problemáticas. Por exemplo, na cobertura das manifestações, fala-se muito a respeito do vandalismo, da violência policial, das reivindicações, mas pouco se discute a respeito do por que disso tudo, das problemáticas do governo. Como na notícia abaixo:

Comissão sugere proibir uso de armas de fogo em manifestações

JOÃO CARLOS MAGALHÃES
DE BRASÍLIA

18/06/2013 @ 18h13



Um órgão ligado à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República aprovou na tarde desta terça-feira (18) uma resolução que proíbe o uso de armas de fogo em manifestações, como ocorreu na segunda-feira (17) Rio, e restringe as armas não letais.

A comissão de defesa dos direitos da pessoa humana, composta por pessoas da sociedade civil e chefiada pela ministra Maria do Rosário (Direitos Humanos), concluiu que o "uso de armas de baixa letalidade somente é aceitável quando comprovadamente necessário para resguardar a integridade física do agente do poder público ou de terceiros ou em situações extremas em que o uso da força é o comprovadamente o único meio possível de conter ações violentas".

Essa resolução, contudo, não tem força de lei, serve apenas como sugestão para os Estados.

Em outro artigo, a recomendação determina "especial proteção a jornalistas que cobrem as manifestações".

PROTESTOS

A resolução foi aprovada em meio à onda de protestos que se espalham por várias cidades do Brasil.

As manifestações, que começaram em São Paulo pedindo a redução das tarifas de transporte público, agora se mobilizam contra vários temas --que vão desde o baixo crescimento econômico e a corrupção até a emenda que restringe o poder de investigação do Ministério Público.

No Rio, na segunda, policiais reagiram ao protesto dando tiros de armas de fogo para o ar, na tentativa de afugentar os manifestantes que tentavam invadir a Assembleia Legislativa do Estado. ★ ★ ★

Na notícia acima o tema abordado é a proibição do uso de armas de fogo em manifestações. Porém pouco se fala a respeito do órgão que aprovou a iniciativa, e nem discute profundamente sobre a problemática causada pela

violência e nem o porquê da revolta, os assuntos são “citados”, visto que o assunto traz audiência por ser impactante, mas não é discutido.

A notabilidade foi uma categoria muito importante na pesquisa, visto que apareceu em 60 das 73 notícias analisadas. Isso mostra que apesar de a Folha de S. Paulo propôr um jornalismo pluralista, as temáticas não foram aprofundadas.

Relevância: A relevância do acontecimento, se ele trará impacto ou é do interesse do público. Este é um critério muito usado nas redações. Os jornais publicam assuntos que sejam de interesse de maiorias. As manifestações de junho de 2013, por exemplo, foram relevantes, pois envolveram um grande número de pessoas em muitas cidades brasileiras. No caso, em São Paulo, mobilizaram a cidade, o que fez com que a população da cidade tivesse grande interesse no assunto. Em 50 das 73 notícias analisadas, este foi um dos principais critérios de noticiabilidade.

Notoriedade: A celebridade ou a importância hierárquica dos indivíduos envolvidos no acontecimento têm valor como notícia. "Quanto mais o acontecimento diz respeito às pessoas de elite, mas será transformado em notícia" (TRAQUINA, apud, Galtung Ruge, p.80).

Nas notícias analisadas, muitos nomes de peso foram citados, como de políticos, polícia militar, força tática, além de uma parte elitizada da população ter

começado a fazer parte dos movimentos, sendo estes, fortes valores notícia para no caso a Folha online. Na matéria abaixo, por exemplo, é citado o prefeito, o governador, e a polícia militar:

cotidiano educa

Haddad critica violência policial e descarta reduzir tarifa

DE SÃO PAULO

14/06/2013 @ 07h48 - Atualizado às 09h26

Compartilhar 358 | Tweetar 27 | 8 | 6 | Ouvir o texto | Mais opções

O prefeito Fernando Haddad (PT) disse na manhã de hoje, em entrevista ao "Bom Dia SP", da Rede Globo, que é irreal a implantação de uma tarifa zero na cidade e que não existe a possibilidade de reduzir o valor da passagem, que aumentou de R\$ 3 para R\$ 3,20 no último dia 2.

"A prefeitura não pode se submeter ao jogo de tudo ou nada. Ou é do jeito que eles querem ou não tem conversa", disse o prefeito.

Haddad voltou a afirmar que o reajuste ficou abaixo da inflação e que cumpriu compromisso de sua campanha. Segundo ele, se a prefeitura não subsidiasse a tarifa, o valor da passagem hoje seria de R\$ 3,40. O prefeito disse ainda que a prefeitura gasta R\$ 600 milhões de subsídios.

O prefeito disse que anteriormente chamou o Movimento Passe Livre para mostrar os custos do sistema de transporte público, mas que ninguém compareceu. Segundo ele, nenhum prefeito gosta de reajustar a tarifa porque "sabe que pesa no bolso do trabalhador".

VIOLENCIA

Na terça-feira (11), segundo Haddad, a população assistiu cenas de violência por parte dos manifestantes, com depredação a ônibus e ao patrimônio público. Ontem (13), disse o prefeito, as cenas de violência por parte da PM foram "lamentáveis e não condizem com São Paulo".

A Secretaria de Estado da Segurança Pública vai investigar supostos abusos por parte dos policiais durante o protesto.

O prefeito descartou a proposta feita pelo Ministério Público, feita na quarta-feira (12), de adiar por 45 dias o reajuste da tarifa para cessar as manifestações.

Ontem, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) também [descartou](#) a possibilidade de suspender o aumento das tarifas pelo período.

"Quanto a reduzir o valor da passagem, não há possibilidade", afirmou o governador, que foi a Santos com o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella, inaugurar uma delegacia e anunciar investimentos em segurança na região. "O reajuste foi menor que a inflação, tanto nos trens e metrô quanto nos ônibus", disse Alckmin. ★★



Proximidade: Se a noticiabilidade do acontecimento vale o deslocamento, prioriza principalmente seu valor em termos geográficos para cobrir o caso. Um acidente com duas vítimas em Campinas, por exemplo, poderá ser notícia em um jornal em São Paulo. Possivelmente, mas com maior

dificuldade em um jornal do Rio de Janeiro, mas dificilmente em um país estrangeiro. No caso das manifestações, quanto mais relevante o assunto abordado, maior a possibilidade do uso deste valor notícia. Não esteve presente em todas, pois percebe que em muitas delas, não foi necessário o deslocamento de equipe e repórteres para a cobertura.

Novidade: Para os jornalistas, uma questão central é precisamente o que há de novo. Nos trabalhos de jornalismo de investigação uma das maiores dificuldades para o jornalista é a justificativa para voltar ao assunto sem novos elementos: geralmente tem que haver algo de novo para voltar a falar do assunto. Devido à importância deste valor-notícia, o mundo jornalístico interessa-se muito pela primeira vez. Este critério foi encontrado na cobertura, cada vez que era introduzido um novo assunto relacionado aos atos. Como por exemplo, na notícia abaixo em que já se falava em vandalismo, depredação e violência, mas a carbonização do carro de uma emissora de televisão era um fato novo e isolado:

Carro da Record é depredado e incendiado durante protesto em SP

DE SÃO PAULO

18/06/2013 @ 20h50 - Atualizado às 21h11

[Compartilhar](#) [Twitter](#) [Google+](#) [LinkedIn](#) < 1 [OUVRIR O TEXTO](#) [+ Mais opções](#)

Um carro da Record foi depredado e incendiado por um grupo de manifestantes na noite desta terça-feira durante o protesto contra as tarifas do transporte público, que ocorre na região central de São Paulo. As pessoas que estavam no veículos fugiram do local após a abordagem do grupo.

Os manifestantes também incendiaram uma base da Polícia Militar, na praça do Patriarca, e depredaram uma agência do banco Itaú. As grades de ferro que faziam o isolamento da prefeitura foram usadas nos atos de vandalismo, inclusive na tentativa de arrombar uma porta de madeira na lateral da prefeitura.

[Manifestantes tentam invadir a Prefeitura de SP durante protesto 'Estão entrando, estão entrando', diz assessor na prefeitura](#)
[Protesto reúne 50 mil pessoas em passeata no centro de SP](#)

Mais cedo, um grupo tentou invadir a entrada principal da prefeitura. Os guardas-civis que faziam um cordão diante do prédio entraram na prefeitura para não serem atingidos pelos objetos que eram lançados em direção a eles. Os muros do prédio também foram pichados pelos manifestantes.

No protesto do último dia 11, pelo menos, 15 jornalistas ficaram feridos, segundo levantamento da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo). Apenas da **Folha**, foram sete jornalistas atingidos por balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo.



Cerca de 50 mil pessoas, segundo o Datafolha, iniciaram por volta das 16h30 desta terça-feira o protesto na região central de São Paulo. O grupo acabou se dividindo em passeata. Por volta das 20h30, havia manifestantes interditando a av. Paulista, a rua da Consolação, a marginal Pinheiros e o viaduto do Chá, onde fica a prefeitura.

Esse é o sexto protesto promovido contra o aumento das passagens de transporte público. Os primeiros atos foram marcados por confrontos entre policiais e manifestantes. O protesto mais violento ocorreu na última quinta-feira (13), quando cerca de cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas.

A manifestação com maior número de pessoas, no entanto, ocorreu ontem, quando reuniu cerca de 65 mil, segundo o Datafolha. O ato ocorreu de forma pacífica na maior parte do tempo, tendo ocorrido tumulto apenas na frente do Palácio dos Bandeirantes, já no fim da noite. Não houve, porém, feridos ou detidos.

Veja nota da Record:

A Rede Record de Televisão vem a público informar que todos os profissionais que trabalhavam na transmissão ao vivo das manifestações em São Paulo escaparam ilesos do incêndio no caminhão usado para a captação de imagens.

O protesto na porta da Prefeitura de São Paulo que teve momentos de tensão com a tentativa de invasão do prédio já estava esvaziado.

A grande maioria dos manifestantes já tinha deixado o local em passeata. Por isso, a Record tem a certeza de que foi atacada por uma minoria de vândalos.

Antes que o carro saísse, um grupo atacou o veículo com pedras e depois colocou fogo nos equipamentos.

A Record reafirma o seu compromisso de transmitir com fidelidade o protesto pacífico de milhares de pessoas nas ruas brasileiras e lamenta apenas que pequenos grupos tentem impor as suas ideias pela violência.

★ ★ ★

Conflito ou Controvérsia: Outro valor-notícia fundamental é o conflito ou a controvérsia, isto é, a violência física ou simbólica, como uma disputa verbal ou a presença da violência física, fornece mais noticiabilidade e ilustra de novo como os critérios de noticiabilidade muitas vezes exemplificam a importância da quebra do normal.

Nas notícias analisadas este valor-notícia foi encontrado em apenas 7 das 73 notícias, no exemplo abaixo, há relato de violência física entre grupos nacionalistas e partidários.

Manifestantes entram em confronto na av. Paulista; homem fica ferido

DE SÃO PAULO

20/06/2013 @ 19h20 - Atualizado às 19h48

OUVIR O TEXTO Mais opções

Um grupo de manifestantes, denominados "nacionalistas" entraram em confronto com pessoas que estavam com bandeiras de partidos durante protesto contra tarifas na avenida Paulista, centro de São Paulo. Segundo o Datafolha, a manifestação reunia cerca de 70 mil pessoas na via.

O principal confronto ocorreu entre um grupo de nacionalistas e manifestantes com bandeiras do PSTU e PT. Os "nacionalistas" querem que o protesto prossiga sem bandeiras partidárias e sem a interferência de partidos políticos.

[Manifestantes fecham pistas da Paulista; 10 mil PMs reforçam segurança](#)
[Manifestantes entoam palavras de ordem contra partidos em ato em SP](#)

Após uma das confusões, o advogado Guilherme Nascimento, 26, deixou a avenida Paulista com um ferimento na cabeça. "Foi o PT que fez isso, me deram uma paulada". O rapaz foi carregado por amigos até um carro da Polícia Militar, que o levou a um pronto-socorro.

Um homem usou um taco de hóquei para ameaçar petistas. Durante a confusão, uma mulher caiu no chão e quase foi pisoteada. Ao menos duas bandeiras do PSTU e uma do PT foram tomadas de manifestantes e queimadas na avenida Paulista.

Apolíticos partiram para cima dos partidários com chutes e socos. Parte deles respondeu com bandeiradas e pedradas. A Polícia jogou bombas de gás lacrimogêneo para conter a pancadaria.

[Veja imagens](#)

Um grupo de nacionalistas armados com facas gritam contra os manifestantes do PT dizendo que vão "meter a faca". Eles entoam gritos e dizem que vão tomar todas as bandeiras

Membros do PSTU, PSOL, UNE, UJS (União Jovem Socialista) foram hostilizados por manifestantes na avenida Paulista, em frente à Fiesp. Juntos, os partidários começaram a deixar a região. A manifestante Fátima Sandalhel disse ter sofrido retaliações por vestir uma camiseta vermelha e estar próxima a grupos partidários.

"Nós estivemos em todas as manifestações anteriores para agora sermos expelidos na manifestação. Usar camisa vermelha é um direito, usar bandeira é um direito. O que aconteceu hoje aqui é um atentado à democracia", disse Sandalhel.

Houve um princípio de confusão, quando uma bandeira do PSTU foi rasgada e um militante partiu para cima de um manifestante. As pessoas também cantam gritos de guerra contra o PT.

Houve um princípio de confusão, quando uma bandeira do PSTU foi rasgada e um militante partiu para cima de um manifestante. As pessoas também cantam gritos de guerra contra o PT.

"Os caras com bandeira de partido querem levar vantagem. O Passe Livre está com o PT", disse o universitário Bruno Scorziello, 22, após tentar impedir a passagem do protesto.

Após a confusão, muitos militantes choraram: "Estão acabando com anos de luta. Não queremos reivindicar para nós, queremos somar", disse um deles sem se identificar.

TARIFA

O Movimento Passe Livre, que organiza o protesto, comemorou a redução de R\$ 3,20 para R\$ 3, mas afirmou que agora vai lutar para conseguir tarifa zero no transporte público. Ao anunciarem a redução, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) e o prefeito Fernando Haddad (PT) disseram que investimentos serão reduzidos.

Infração: Acontecimentos ligados à violação ou transgressão de regras.

A notícia abaixo mostra que neste dia, usuários do metrô, pulavam as catracas, entrando sem pagar a tarifa de transporte, noticiando um tipo de violação.

Estação Consolação é fechada para evitar que usuários pulem catraca

DE SÃO PAULO

17/06/2013 @ 23h39



Com um grande número de pessoas se direcionando ao metrô após participar dos protestos dessa segunda-feira (17) em São Paulo, muitos usuários começaram a pular a catraca na estação Consolação.

A polícia, então, determinou o fechamento da estação por volta das 23h15 para controlar a situação, deixando presos alguns usuários que tentavam sair.

Com as duas entradas fechadas, algumas pessoas quebraram um vidro para sair.

Logo após, manifestantes que ainda estão na avenida Paulista começaram a gritar "sem violência", pedindo moderação aos presentes.

Segundo a polícia, a estação deve reabrir assim que a situação for normalizada.

PROTESTO

O protesto desta segunda-feira em São Paulo foi, em sua maior parte, pacífico, sendo que apenas um grupo tentou invadir o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo estadual, no fim da noite.

Os cerca de 65 mil manifestantes, que se concentraram no largo do Batata, na zona oeste, no fim da tarde, se dividiram e fecharam vias como a Faria Lima, av. Eusébio Matoso, a av. Paulista, a ponte Estaiada e a marginal Pinheiros, antes de se dirigirem para o palácio dos Bandeirantes.

Esse é o quinto protesto feito contra o aumento do transporte público. As últimas manifestações foram marcadas por confrontos.

O último caso ocorreu na quinta-feira (13), quando houve confusão na rua da Consolação, na região central. Segundo organizadores, ao menos cem pessoas ficaram feridas e mais de 200 foram detidas. Dentre jornalistas, houve 15 feridos, sendo sete da Folha.

Para esta segunda-feira, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) afirmou que a Polícia Militar não usará balas de borracha contra os manifestantes.

"Nós acreditamos em uma manifestação pacífica e organizada, em que a polícia vai apenas ordenar para que ela aconteça", disse ontem (16) o secretário de Segurança Pública, Fernando Grella Vieira.

Tempo: O fator tempo é outro valor-notícia e de maneiras diferentes. Em primeiro lugar, o fator tempo é um valor-notícia na forma da atualidade. A existência de um acontecimento na atualidade já transformado em notícia pode servir de gancho para outro acontecimento ligado a esse assunto. Segundo, o próprio tempo pode servir como um gancho e justificar a noticiabilidade de um acontecimento que já teve lugar no passado, mas nesse mesmo dia. Na notícia abaixo a questão da tarifa de transporte é retomada como gancho em meio a

tantas notícias relacionadas à violência, vandalismo e outras reivindicações, por exemplo.

Movimento Passe Livre diz que não vai recuar enquanto tarifa não diminuir

LEANDRO MACHADO
DE SÃO PAULO

17/06/2013 @ 11h15

Compartilhar Ouvrir o texto Mais opções

Integrantes do Movimento Passe Livre, que organiza as manifestações contra o aumento da tarifa do transporte em São Paulo, disseram na manhã desta segunda-feira que o grupo não pretende parar os protestos enquanto o aumento da tarifa não for revogado pela prefeitura e pelo governo do Estado.

Enquete: O movimento Passe Livre vai conseguir reduzir o preço das tarifas?

"As pessoas estão exigindo uma pauta única, clara e específica, que é a revogação do aumento. Negociar algo diferente do que a população quer seria uma traição", disse Caio Martins, 19, estudante de história da USP e membro do Movimento Passe Livre.

A posição foi dada durante entrevista coletiva na sede dos Sindicatos dos Jornalistas, no centro de São Paulo.

Às vésperas do protesto de hoje, marcado para as 17h no largo da Batata, zona oeste, o movimento convidou o prefeito Fernando Haddad (PT) para debater o reajuste na quarta-feira (19), às 10h, também na sede do Sindicato dos Jornalistas.

Apesar de terem confirmado presença na [reunião extraordinária do Conselho da Cidade marcada para amanhã](#), os integrantes afirmam que o encontro não é o espaço ideal para discutir o aumento. O conselho é um órgão consultivo criado pelo prefeito neste ano e reúne 136 membros de movimentos sociais, entidades de classe, empresários, entre outros.

"A gente agradece o convite, mas entende que esse espaço não é adequado para negociação", disse Érica de Oliveira, do MPL.

Os integrantes do movimento também comentaram a [reunião desta manhã com o secretário de segurança pública de São Paulo](#), Fernando Grella Vieira, para debater o trajeto do protesto de hoje.

"Nós não sabemos qual vai ser o trajeto. Ele surge na hora, depende do número de pessoas e dos grupos presentes", afirmou um dos integrantes.

Eles querem usar o espaço com o secretário para discutir a repressão e a forma como a polícia vai atuar. "O movimento é pacífico. O vandalismo acontece como reação à violência policial. A gente não estimula o vandalismo", disseram os integrantes.

REFORÇO

Os protestos contra o aumento das tarifas de transporte público devem ganhar reforço do movimento gay, de trabalhadores e até de mães de manifestantes.

As mães estão se mobilizando para comparecer hoje ao quinto ato que pede revogação do aumento das passagens do transporte público em São Paulo. A concentração será às 16h, em frente ao Instituto Tomie Ohtake.

Inesperado: Isto é, aquilo que irrompe e que surpreende a expectativa da comunidade jornalística. Segundo Tuchman (1978) o inesperado é muitas vezes um componente de um tipo de acontecimento que designa como "que história!"

ou seja, um mega-acontecimento com enorme noticiabilidade que subverte a rotina e provoca um caos na redação. Um exemplo foram os ataques a diferentes sítios, sobretudo, ao *World Trade Center*, no dia 11 de setembro de 2001.

Apesar de as manifestações terem tido grande repercussão até mesmo na imprensa internacional, não houve um acontecimento do tipo inesperado ao longo das jornadas de junho. Portanto, este valor-notícia não foi encontrado em nenhuma das matérias analisadas.

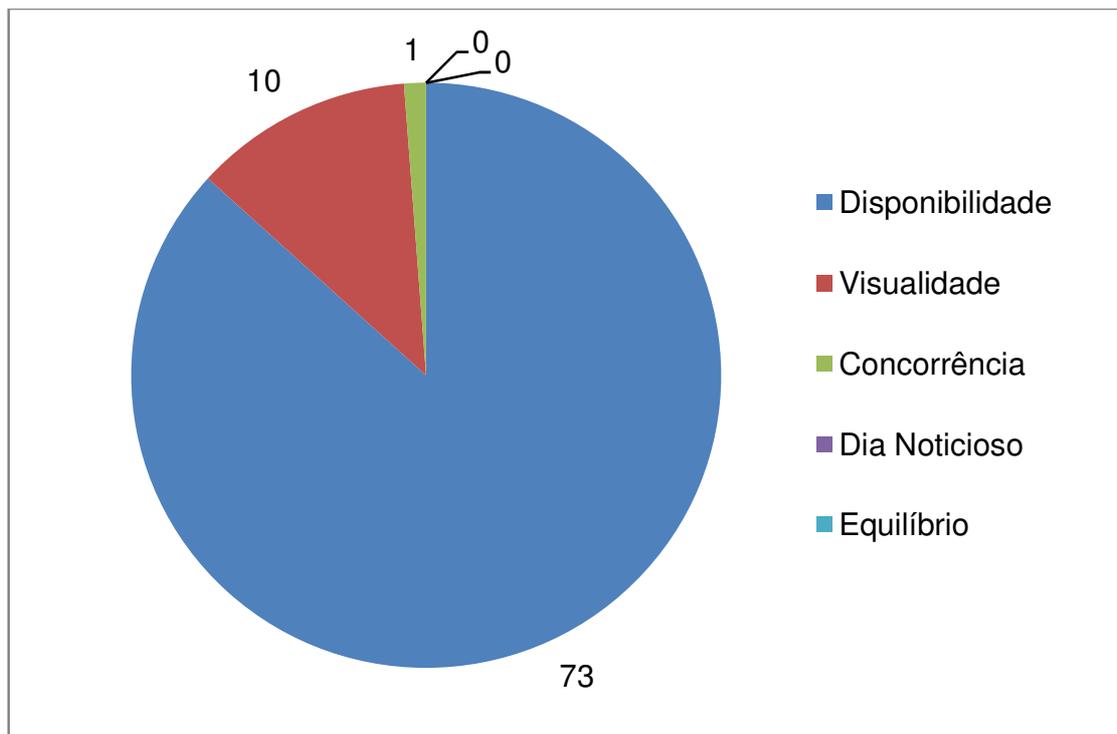
Escândalo: O nome já diz. Seria um caso como o do “*Watergate*”. Este tipo de acontecimento corresponde à situação mítica do jornalista como “cão de guarda” das instituições democráticas. Em nenhuma das notícias analisadas este valor-notícia foi encontrado.

Morte: Onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor notícia fundamental para esta comunidade interpretativa, e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal. Como não houve nenhum caso de morte nas manifestações, este valor notícia também não foi encontrado nas matérias analisadas.

2.4Os valores–notícia de seleção – Os critérios contextuais

Como já foi referido, por critérios contextuais entendem-se os critérios que dizem respeito ao contexto do processo de produção das notícias e não às características do próprio acontecimento (WOLF, *apud*, TRAQUINA, p. 88, 1987). São eles: a disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência, e o dia noticioso. Os critérios contextuais foram distribuídos da seguinte maneira na análise de notícias:

Gráfico 3-Os valores-notícia de seleção – Os critérios contextuais



A **disponibilidade** é caracterizada pela facilidade de cobrir o acontecimento. Ou seja, quais os meios a cobertura jornalística exige, bem como

qual é o displêndio requerido, colocando implicitamente a pergunta se o valor-notícia desse acontecimento justifica esse displêndio.

Este valor-notícia esteve presente em todas as notícias analisadas, visto que a redação da Folha de S. Paulo fica na cidade de São Paulo, onde aconteceram as maiores concentrações de manifestantes, e foi a cidade escolhida para fazer as análises de notícias, como já foi explicado anteriormente. As demais notícias que não requeriam tal deslocamento puderam ser facilmente apuradas com a utilização de outras ferramentas (telefone, internet, livros, revistas, etc).

Visualidade: isto é, se há elementos visuais, como fotografias ou filme.

Imagens e vídeos foram encontrados em apenas 10 matérias, como o exemplo abaixo:

Crianças acompanham pais em protestos sem entender bem o que está acontecendo

BRUNO MOLINERO
DE SÃO PAULO

22/06/2013 © 00h01

Mais opções

Entre rostos pintados, cartazes e gritos que fecharam a avenida Paulista na última terça-feira em mais um protesto em São Paulo, Vitória Camargo, 7, segurava um papelão onde se podia ler: "É o meu futuro!".

"Minha mãe já tentou me explicar um milhão de vezes, mas ainda não entendi por que estão protestando", conta a menina, que acompanhou a manifestação com a família.

[Marcelo Coelho explica manifestação para crianças](#)

Se os adultos sentem dificuldades para entender os protestos dos últimos dias em diversas cidades do Brasil, as crianças ficam ainda mais confusas.

PUBLICIDADE

Organizadas pela internet, as manifestações começaram reclamando do aumento do preço das passagens de ônibus, metrô e trem. Mas logo os manifestantes também levaram cartazes contra a corrupção, os gastos com estádios para a Copa do Mundo e outros temas.

Na segunda, 100 mil pessoas se reuniram no Rio e ao menos 65 mil fecharam as principais avenidas de São Paulo. Após 13 dias de protestos, as duas capitais baixaram o preço das passagens. Outras cidades já tinham feito o mesmo.



Vera, 10, em manifestação na avenida Paulista, com cartaz feito pela irmã

CADÊ A POLÍCIA?

"Estou aqui para lutar pelos direitos do povo", diz Ana Luiza Ribeiro, 10, que foi à praça da Sé, em São Paulo, com os pais e a irmã.

Perto dali, Ramon Nolasco, 8, não sabia por que tanta gente estava reunida. "Queria ver a polícia. Sabe onde está?", perguntou enquanto segurava o pai com uma mão e um leão de brinquedo com a outra.

Diferentemente de protestos anteriores, quando a Polícia Militar entrou em conflito com manifestantes, os policiais apenas observavam a concentração.

"Vou contar na escola que as pessoas querem passagens mais baratas. Mas acho que logo vão começar a brigar", comentou Júlia Brandão, 7, que estava com a mãe na praça.

Pouco depois, o movimento se dividiu. Parte das pessoas se dirigiu à avenida Paulista, onde continuou a se manifestar pacificamente. Outra parcela foi em direção à Prefeitura de São Paulo. Na região, houve cenas de vandalismo e saques a lojas. Ali houve confronto com a PM.

"Na semana passada, as pessoas quebraram tudo na minha rua e colocaram fogo no lixo. Ficou tudo bagunçado", conta Rodolfo Levandoski, 7, que mora perto da praça da Sé e acompanhava o protesto com os tios. "Fiquei com medo de vir hoje."

Ao saber que iria à manifestação, Júlia também sentiu medo. "Fiquei com um monte de perguntas na cabeça. Será que a polícia vai pegar a gente? As pessoas vão quebrar as coisas?", disse, segurando um cartaz feito pela mãe em que estava escrito: "Chique não é pobre andar de carro. É rico andar de ônibus".

Ao saber que iria à manifestação, Júlia também sentiu medo. "Fiquei com um monte de perguntas na cabeça. Será que a polícia vai pegar a gente? As pessoas vão quebrar as coisas?", disse, segurando um cartaz feito pela mãe em que estava escrito: "Chique não é pobre andar de carro. É rico andar de ônibus".

Já Ana Luiza não pensou duas vezes antes de ir à manifestação. Mas, ao ouvir a multidão gritando "Ei, Haddad [prefeito de São Paulo], vai tomar no...", disse: "Poderiam falar uma palavra mais bonita, né?".

Concorrência:As empresas jornalísticas não funcionam no vazio; têm concorrentes. A procura do "furo" é uma lógica que intensifica a natureza concorrencial da atividade jornalística.

Em apenas uma das notícias analisadas, este valor-notícia foi encontrado, pois em um momento ela deixa claro que as informações apuradas foram retiradas de um documento sigiloso ao qual a Folha de S. Paulo teve acesso. Claro que esta informação pode ser um artifício usado pelo próprio jornal na tentativa de dar credibilidade à informação, mas isso não exclui a investida do jornal em evidenciar ao leitor que este foi um furo do jornal em relação aos seus concorrentes:

Serviço secreto da PM diz que PSOL 'recruta' punks para protestos

MARIO CESAR CARVALHO
DE SÃO PAULO

16/06/2013 03h15

Compartilhar 141 Ouvir o texto Mais opções

O serviço secreto da Polícia Militar afirma em relatórios sobre as manifestações contra o aumento das tarifas de transporte em São Paulo que os grupos mais violentos nem sempre agem de maneira espontânea.

Punks que partem para o quebra-quebra são arregimentados por militantes do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) com o objetivo de desgastar o PT do prefeito Fernando Haddad e o PSDB do governador Geraldo Alckmin, de acordo com documentos sigilosos aos quais a **Folha** teve acesso.

[Serviço secreto da PM diz que PSOL 'recruta' punks para protestos](#)
[Análise: Polícia insuflou protestos em SP e Istanbul](#)
[No Movimento Passe Livre 'não pode ter cara de playboy', diz estudante](#)

Para a polícia, a forma de ação desses supostos punk é "semelhante a atos de guerrilha". Seria também uma forma que integrantes do PSOL teriam encontrado de constranger os dois governantes sem aparecer numa situação que poderia desgastar a imagem do partido, de acordo com esses relatórios.

Um dos relatórios do P2, sigla pela qual é conhecido o serviço reservado da PM, frisa que não há envolvimento do PSOL como partido, mas de militantes avulsos. A avaliação foi feita por policiais militares infiltrados.



Jovens durante a manifestação contra o aumento da tarifa nas ruas de SP, polícia diz que PSOL recruta 'punks' para os protestos

Os punks e anarquistas partem para o que a polícia chama de "atuações paralelas" sempre que suas propostas são rejeitadas pelo Movimento Passe Livre, que convoca as manifestações.

O presidente nacional do PSOL, o deputado federal Ivan Valente, diz que a avaliação é completamente equivocada. "Os arapongas sempre cometem erros crassos de avaliação política. O

PSOL nunca apoiaria esse tipo de comportamento. Não precisamos utilizar ninguém para criticar governos".

PINGA ANTES E DEPOIS

O monitoramento mostrou que os punks seguem um ritual que se repete nas manifestações, segundo os relatos feitos. Tomam pinga antes de começar os protestos, esperam o movimento atingir o seu ápice para começar a agir e comemoram os resultados com mais pinga depois que o corre-corre acaba.

Para destruir vitrines e janelas, eles usam uma meia recheada com ferro e pregos, segundo o relato dos PMs.

A polícia diz que os punks que seriam recrutados por militantes do PSOL já acreditavam na violência como forma de protesto. Parte deles é ligada ao Black Bloc (Bloco Negro), uma estratégia anticapitalista que nasceu na Alemanha, nos anos 70.

Os black blocs pregam o ataque a símbolos como o McDonald's como uma forma de combate ao capitalismo. Todos usam máscaras e roupas pretas, tida pelos anarquistas como a cor da negação.

A avaliação da polícia é que o Movimento Passe Livre tem intenções "sinceras" ao defender a redução da tarifa de R\$ 3,20 para R\$ 3,00 e não tem orientações violentas. Mas, como não aceita lideranças, permite que esse tipo de comportamento violento explore o movimento.

A inexistência de lideranças é considerada a pior pesadela para a polícia porque não há alvos claros. Outra dificuldade é separar a ação política dos atos criminosos.

Dia Noticioso: Como os acadêmicos, Molotch e Lester, apud, Traquina (1974, p. 90) sublinharam, os acontecimentos estão em concorrência com os outros acontecimentos.

Cada dia jornalístico é um novo dia. Há dias ricos em acontecimentos com valor-notícia e outros dias pobres em acontecimentos com valor-notícia. Durante certas épocas do ano, como o mês de agosto em Portugal, quando as fontes habituais das notícias estão em férias, está aberta a chamada “*silly season*” em que há pouquíssimos acontecimentos noticiáveis, e alguns conseguem ser notícia de primeira página devido ao fato desse dia ser um dia pobre em acontecimentos com noticiabilidade.

Na cobertura das manifestações este valor não foi encontrado por conta de as análises terem sido feitas em notícias de um período em que os movimentos foram fortemente divulgados na imprensa, no caso da Folha de S. Paulo online, este assunto foi pautado diariamente.

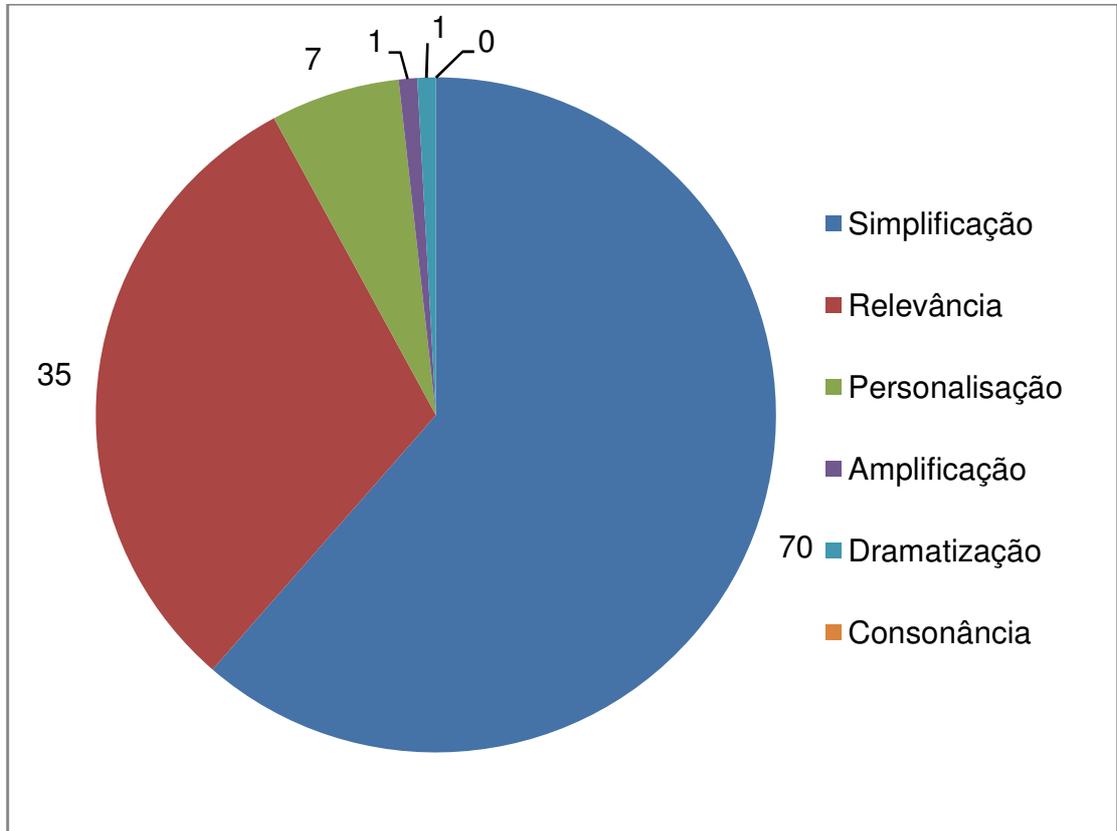
Equilíbrio: A noticiabilidade de um acontecimento pode estar relacionada com a quantidade de notícias sobre este acontecimento ou assunto que já existe ou que existiu há relativamente pouco tempo no produto informativo de uma empresa jornalística. Assim, devido ao valor de equilíbrio, o jornalista ou a empresa jornalística poderá racionalizar da seguinte maneira: “Não tem valor notícia, pois já demos isso há pouco tempo”.

Este critério não foi utilizado na cobertura da Folha online por conta da efervescência dos acontecimentos, que ao longo do mês analisado não se esgotaram as informações a respeito do tema.

2.5 Os valores notícia de construção

Por valores-notícia de construção entendem-se os critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia. Os valores são: simplificação, relevância, personalização, amplificação, dramatização e consonância. Dentro das análises das notícias os temas foram distribuídos assim:

Gráfico 4 - Os valores notícia de construção



Simplificação: A lógica é a seguinte: quanto mais o acontecimento é desprovido de ambiguidade e de complexidade, mais possibilidades tem a notícia de ser notada e compreendida. Uma notícia facilmente compreensível é preferível a outra cheia de ambigüidade. Os clichês, os estereótipos e as idéias feitas são muitas vezes necessários. Os jornalistas devem escrever de uma forma fácil de compreender através da simplificação, tornam, portanto, a notícia menos ambigua, e reduzem a natureza polissêmica do acontecimento.

As reportagens publicadas em veículos online tem na maioria das vezes essa característica de simplificação, esta é uma adaptação que foi necessária no campo jornalístico como surgimento de portais de notícias online. A rapidez com que a notícia deve ser colocada no ar, e o novo comportamento do leitor, que condiz com esta rapidez, faz com que o jornal necessite aplicar este tipo de enquadramento. 70 das matérias analisadas utilizam este valor-notícia. Segue um exemplo:

'Necessitamos de uma reforma política', diz Alckmin antes de se reunir com Dilma

REUTERS
DE SÃO PAULO

24/06/2013 @ 14h35



O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), afirmou nesta segunda-feira (24) que o atual modelo político sofre uma falência e reiterou a necessidade de reforma política, em meio à onda de protestos que tomou as ruas do Brasil nas últimas semanas.

"Quero reiterar a necessidade da reforma política. Acho que muito do que estamos vendo é uma falência, um esgotamento do modelo político brasileiro", disse o governador.

A declaração foi dada no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista, após o anúncio da [suspensão do reajuste do pedágio](#) em rodovias privatizadas.

Alckmin participará hoje de [reunião com a presidente Dilma Rousseff](#) e com governadores e prefeitos de capitais para tentar fechar um pacote de medidas nas áreas da saúde, educação, mobilidade urbana e transparência pública.

Segundo a **Folha** apurou, a ordem da presidente à sua equipe é fechar medidas concretas já na reunião de hoje e nos próximos dias. A avaliação do Planalto é que, se os agentes públicos ficarem só no discurso, as manifestações vão continuar país a fora.



Apesar de o assunto abordado na notícia ser muito importante no período das manifestações, ou seja, falar sobre as questões políticas no país, e ouvir algo a respeito disso de uma voz política de importância, a notícia fala sobre o assunto em cinco breves parágrafos.

Relevância: A lógica é a seguinte: quanto mais “sentido” a notícia dá ao acontecimento, mais chances dela ser notada. Compete ao jornalista tornar o acontecimento relevante para as pessoas, demonstrar que tem significado para

elas. Este foi um valor-notícia encontrado em um grande número de notícias, visto que esta é uma das principais características de qualquer cobertura: chamar a atenção para os fatos, usar detalhes que interessem o leitor, como por exemplo, na notícia abaixo:

Corrupção é principal motivação de manifestantes em SP, diz Datafolha

DE SÃO PAULO

21/06/2013 @ 19h06

OUVIR O TEXTO Mais opções

Apesar de a principal pauta das manifestações em São Paulo ser a redução das tarifas do transporte público, o principal motivo de participação foi a luta contra a corrupção, de acordo com pesquisa Datafolha realizada durante o protesto da última quinta-feira (20).

Metade dos entrevistados citou a corrupção como a principal bandeira. Em seguida aparecem queda na tarifa (32%), contra os políticos (27%), melhora na qualidade do transporte (19%) e contra a PEC 37 (16%) --a soma dá mais de 100% porque puderam citar mais de um motivo.

A margem de erro da pesquisa, que entrevistou 551 manifestantes durante toda a manifestação na avenida Paulista, é de 4 pontos percentuais para mais ou para menos.

[Veja o mapa dos protestos que acontecem pelo país](#)
[Quais as novas bandeiras? Veja no protestômetro](#)
[Veja o resumo dos 14 dias de protestos na capital paulista](#)

O perfil dos manifestantes traçado na pesquisa mostra que a maioria é homem (61%), tem nível superior (78%) e não possui nenhum partido de preferência (72%). Outra característica comum era a predominância do transporte público como forma de locomoção. O mais utilizado pelos manifestantes é o metrô (79%), seguido do ônibus (64%), trem (21%) e do carro (20%).

Em média, os manifestantes lutavam para que a tarifa fosse de R\$ 2 --46% pediram que chegasse no máximo a este valor. A próxima causa do MPL (Movimento Passe Livre), a tarifa zero, foi defendida por apenas 25% das pessoas.

[Veja fotos](#)

POLÍTICA

Quando questionados sobre a posição ideológica em que se encaixa, 32% se apontaram como extremos liberais e 29%, liberais. A participação conservadora, embora minoritária, foi expressiva: 20% se viram desta maneira. 2% se disseram extremos conservadores.

No geral, este posicionamento é mais liberal do que a última pesquisa Datafolha que fez esta pergunta em toda a cidade, de outubro do ano passado. Naquela pesquisa, 34% se disseram liberais ou extremos liberais, e 42% como conservadores e extremos conservadores.

Quanto à posição política, 36% eram de esquerda ou centro-esquerda e 21%, de direita ou centro-direita. Em toda a cidade, essa proporção praticamente se inverte --é de 24% e 34%, respectivamente. Também rechaçam a volta da ditadura: para 87%, a democracia é sempre melhor do que qualquer outra forma de governo. (YGOR SALLES)

Se a corrupção é uma das maiores motivações dos manifestantes, cabe ao jornal buscar falar sobre aquilo que interessa à maioria. Por isso a opção foi

falar sobre o assunto, pode-se dizer até que por conta da aderência da imprensa a novos temas que não a diminuição da tarifa, outras reivindicações tomaram maiores proporções.

Este é um exemplo de como a linha entre o público e privado é tenue, pois os conceitos têm influência entre si. No caso citado pode-se notar que a mídia influencia o público. E no caso da cobertura da Folha de S. Paulo, o público também influenciou o direcionamento do jornal em certo momento. Visto que a Folha precisou mudar sua abordagem, adequando-se ao interesse de seus leitores que começavam a fazer parte dos movimentos, o que a princípio foi retratados com certo receio.

Personalização: Quanto mais personalizado o acontecimento, mais possibilidades tem a notícia de ser notada. Por personalização, entendemos personalizar as pessoas envolvidas nos fatos. Inúmeros estudos sobre o discurso jornalístico apontam para a importância da personalização como estratégia para agarrar o leitor, porque as pessoas se interessam por outras pessoas.

Apesar disso, esta foi uma característica muito pouco verificada na cobertura da Folha online. É uma questão importante, pois nas notícias pouco se personificou os agentes participantes dos fatos, algo que caracteriza o distanciamento do jornal com o público.

Amplificação: Quanto mais amplificado é o acontecimento, mais ênfase se dá à notícia, quer seja pela amplificação do ato, do interveniente, ou das supostas consequências dos atos. Ex: “Brasil chora o aumento da tarifa de transporte” ou “América sofre com a guerra”. Em apenas uma notícia este valor foi encontrado:

Manifestações levam 1 milhão de pessoas às ruas em todo país

DE SÃO PAULO

20/06/2013 23h13 - Atualizado em 21/06/2013 às 00h03

[Ouvir o texto](#) [Mais opções](#)

As manifestações realizadas nesta quinta-feira levaram cerca de 1 milhão de pessoas às ruas em 25 capitais do país. Em ao menos 13 delas foram registrados confrontos. O Rio de Janeiro foi a capital com maior número de pessoas, 300.000.

Em nove das capitais com confronto, houve também ataques ou tentativas de destruição de prédios públicos, como sedes de prefeituras e de governo e prédios da Assembleia Legislativa e do Tribunal de Justiça.

[Veja o mapa dos protestos que acontecem pelo país](#)
[Dilma Rousseff convoca reunião de emergência para amanhã](#)
[Presidente do PT apaga chamada a petistas para protestos](#)

Os protestos contra o aumento das tarifas do transporte público começaram no início do mês e foram ganhando força em todo o país, sendo registrados vários casos de confrontos e vandalismo. Com isso, 14 capitais e diversas outras cidades anunciaram entre ontem e hoje a redução das passagens.

Em Brasília, um grupo de manifestantes forçou a barreira policial montada na entrada do Congresso Nacional, iniciando um confronto com a Polícia Militar, que revidou com bombas de gás lacrimogêneo.

No Rio, o protesto ficou tenso no início da noite. O problema ocorreu com chegada dos manifestantes em frente à prefeitura, no centro da cidade, ponto final da passeata.

Por volta das 18h50, morteiros foram disparados pelos manifestantes. Em resposta, a polícia disparou bombas de efeito moral. A cavalaria da PM avançou para dispersar pessoas que tentavam invadir a sede da administração municipal.

[Veja imagens](#)

Em Natal (RN), cerca de 400 pessoas entraram no Centro Administrativo do Estado, que reúne os principais órgãos públicos. Houve concentração de manifestantes em frente à Governadoria.

Um grupo menor, de rostos tapados, queimou objetos, formando uma fogueira na frente da rampa de acesso ao prédio. Também arrancaram placas de sinalização e começaram a jogar algumas na fogueira.

Bombas e pedras foram atiradas contra os policiais. A polícia revidou com balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo. Houve prisões.

Manifestantes tentaram invadir, em Fortaleza (CE), o Palácio da Abolição, sede do governo do Ceará, e depredaram o prédio. O local virou uma praça de guerra entre vândalos e Polícia Militar, com balas de borracha de um lado e coquetéis molotov de outro. Ao menos 30 pessoas foram presas, segundo a PM.

Também foram registradas situações de confrontos e depredações em Porto Alegre (RS), Curitiba (PR), Salvador (BA), Vitória (ES), Belém (PA), João Pessoa (PB), Manaus (AM), Teresina (PI) e Macapá (AP).

Após as manifestação, a presidente Dilma Rousseff (PT) decidiu convocar uma reunião de emergência para as 9h30 de amanhã com seus principais ministros para discutir os efeitos das manifestações por todo o Brasil.

Na reunião, Dilma irá avaliar relatos da extensão dos atos nas cidades brasileiras. A partir daí será decidida uma conduta de governo, como por exemplo medidas ao alcance do Ministério da Justiça ou até um pronunciamento oficial da presidente.

Na notícia acima se nota que a amplificação é uma de suas maiores características de valor-notícia. O foco são os grandes números e os nomes de grandes capitais brasileiras, o que foi utilizado para chamar atenção aos fatos.

Dramatização:Reforço no lado emocional, à natureza conflitual, relatos melodramáticos. Assim como a amplificação, este valor notícia foi encontrado em apenas uma notícia:

V de Vingança: Máscara usada em protestos foi criada em quadrinhos dos anos 1980

IVAN FINOTTI
EDITOR DA sãopaulo

23/06/2013 @ 02h30

 Compartilhar  Mais opções

"V de Vingança" é o nome do gibi que inspirou manifestantes no Brasil e em todo o mundo na última década. Os quadrinhos foram escritos por Alan Moore e desenhados por David Lloyd entre 1981 e 1988. Por aqui, saíram pela primeira vez em 1989, em cinco volumes.

A história começa em 1997 e se passa numa Inglaterra sombria, depois de uma guerra nuclear que deixou parte do mundo destruído.

PUBLICIDADE

O país está dominado por um partido fascista que, após chegar ao poder, eliminou negros, homossexuais e esquerdistas. Surge então V, uma espécie de super-herói anarquista que vai lutar contra o governo. Com aparições teatrais, ele mata membros do governo e ganha a simpatia da população, que toma as ruas.

V de Vingança

V se esconde atrás de uma máscara do conspirador Guy Fawkes (1570-1606), personagem histórico, enforcado por tentar explodir o parlamento inglês em 1605. A exemplo de Fawkes, V usará todos os meios para pôr abaixo o prédio da instituição.

É essa máscara de Guy Fawkes que vem aparecendo em manifestações populares em todo o mundo nos últimos anos.

No gibi original, todos os capítulos começam com a letra V, com títulos como "Veneno", "Vertigem" ou "Visitas".

Dá a ideia dos brasileiros em transmutar o "V de Vingança" para "V de Vinagre", depois que policiais prenderam manifestantes que portavam o líquido para tentar barrar os efeitos do gás lacrimogêneo.

Em 2006, os irmãos Wachowski (da série "Matrix") popularizaram ainda mais a história, ao lançar uma adaptação cinematográfica com Natalie Portman.

Alan Moore, famoso pelo mau humor e pelas posições radicais, se recusou a aparecer nos créditos e a receber direitos autorais de Hollywood.

V DE VITÓRIA

Outra referência usada por Moore está no nome da obra. "V de Vingança" ("V for Vendetta", no original) é uma releitura de "V de vitória" (V for victory), expressão inglesa que remonta à Batalha de Agincourt (1415), na Guerra dos Cem Anos (1337-1453), entre Inglaterra e França.

Segundo essa história sangrenta, os franceses tinham o costume de cortar os dedos dos arqueiros ingleses capturados para impedi-los de puxar o arco.

Como resposta, os ingleses passaram a fazer o sinal de V com esses dois dedos, mostrando que ainda podiam atirar.

Historiadores, porém, dizem que essa versão não se sustenta porque os franceses simplesmente matavam qualquer inglês feito prisioneiro.

Seja como for, o sinal de V com os dedos foi popularizado séculos depois, na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O sinal e a expressão simbolizaram a luta da Inglaterra contra os nazistas e foram usados inclusive pelo primeiro-ministro britânico Winston Churchill.

Na matéria, o uso de substantivos como vingança e vitória, e a explicação mais detalhada de nomenclaturas utilizadas por manifestantes traz um ar dramático e cinematográfico aos fatos.

Consonância: Quando o acontecimento é inserido numa narrativa, mais bem elaborada, com a mobilização de "estórias". Isso quer dizer que a notícia deve ser interpretada num contexto conhecido, pois corresponde às expectativas do receptor.

Como já foi discutido anteriormente, esta é uma carência no jornalismo. O apego ao relato factual dos acontecimentos faz com que os jornais não tenham um diálogo mais profundo com o público. As notícias têm características mais voltadas para a objetividade e na tentativa de manter a imparcialidade. O valor-notícia consonância não foi encontrado em nenhuma das notícias analisadas.

Algumas características encontradas nas análises de notícias chamaram bastante atenção pelo fato de que a proposta principal do trabalho foi de compreender através desta análise, onde é aplicado o papel social do jornalismo, ou se o jornal acaba trabalhando de acordo com a lógica de mercado, na busca pela audiência, e a cobertura das manifestações pela Folha online foi o objeto de estudo.

Com as análises feitas e o levantamento de como foram aplicados os valores-notícia na cobertura das manifestações, percebeu-se que a Folha online teve uma relação reducionista com o público na questão de exercer seu papel social.

A simplificação, por exemplo, que aparece em grande escala (grafico 4), caracteriza uma forma de construção da notícia em que ela possa ser facilmente digerida pelo leitor, no sentido de diminuir ambiguidade e polissemia do acontecimento.

A lógica é a seguinte: quanto mais o acontecimento é desprovido de ambiguidade e de complexidade, mais possibilidades a notícia tem de ser notada e compreendida. Uma notícia

facilmente compreensível é preferível a uma outra cheia de ambiguidade. Os clichês, os estereótipos e as idéias feitas são muitas vezes necessários. Os jornalistas se comprometem em escrever de uma forma fácil de compreender; por simplificação, portanto, entendemos tornar a notícia menos ambígua, reduzir a natureza polissêmica do acontecimento (TRAQUINA, 2005, p.91).

Uma cobertura muito detalhada e extensa poderia gerar um desinteresse popular, esta é mais uma maneira que os jornalistas encontram de manter a audiência, ainda que isso gere uma falta de qualidade na cobertura dos acontecimentos.

São inúmeros os problemas em relação ao transporte, saúde, corrupção, entre outros, reivindicados nas manifestações. Mas nenhuma notícia se aprofunda na discussão destes temas. É o que podemos verificar no gráfico 2 que mostra que em 82 por cento das reportagens, um dos principais valores notícia encontrados são da notabilidade que caracteriza fatos noticiosos onde não se fala das problemáticas, apenas dos acontecimentos.

E no gráfico 4 nota-se que em nenhuma notícia analisada foi utilizado o critério de consonância que traz o conceito de notícias trabalhadas como narrativas mais dialógicas com o público leitor.

A impressão é de que os problemas são jogados ao leitor, de forma que não se possibilita a reflexão sobre o assunto, nem a possibilidade de que o indivíduo pense no que poderia fazer ou como reivindicar seus direitos. Uma abordagem dialógica com o público ajudaria na construção de uma interação

mais pluralizada, o que é proposto na linha editorial da Folha de S. Paulo, porém não se vê nas notícias.

Na cobertura não é proposta uma discussão mais detalhada a respeito do tema transporte ou das demais problemáticas do país que foram trazidas à tona nas manifestações. As notícias caracterizam os manifestantes de forma negativa, na maioria das vezes dando ênfase ao vandalismo e a violência, não deixam claros os motivos das mobilizações, e não discutem os problemas sociais.

3. Considerações finais

Os tipos de enquadramento empregados nos levaram a crer que há um reducionismo na cobertura das manifestações. Foram averiguados valores e enquadramentos que acabam mostrando a valorização da busca pela audiência e o domínio dos interesses privados, mais do que pela qualidade da cobertura e o enriquecimento da interação com o público leitor, o que transmitiria qual é o verdadeiro papel social do jornalismo.

Concluiu-se com este trabalho, que o fator econômico é uma força muito importante na atividade jornalística. Enquanto o pólo ideológico define o jornalismo como serviço público, o econômico define o jornalismo como negócio.

Dentre os temas abordados na cobertura das manifestações de 2013, feita pela Folha online, os mais vistos foram: “corrupção e outras reivindicações”, o que confirma a ideia inicial de que houve uma mudança de foco nas jornadas de junho, tanto da parte dos manifestantes quanto da mídia, o que inclui a Folha de S. Paulo online, nosso objeto de estudo.

O “Movimento Passe Livre” foi o segundo tema mais recorrente, e nota-se que nenhuma das notícias analisadas discorreu o suficiente a respeito do que é o movimento, e quais eram as suas principais discussões. Apenas 6 reportagens falaram sobre a diminuição da tarifa de transporte, principal motivação das manifestações.

O terceiro tema mais encontrado foi “confrontos e prisões”, o que reflete a valorização dada pelo jornal aos temas relacionados à violência e vandalismo que é o quarto tema mais abordado. Em nenhuma das notícias as questões sociais foram discutidas, elas são abordadas brevemente. O que nos leva a crer que o diálogo com o público não foi bem trabalhado.

Os principais valores-notícia encontrados foram: notabilidade e simplificação. O primeiro se caracteriza pelo fator de atratividade, o que tende a dificultar a produção de uma resposta mais consistente do público às mensagens. Já a simplificação trata de tornar a notícia facilmente digerida pelo leitor, simplifica a linguagem de modo que não haja risco de desinteresse por conta de complexidades ou ambiguidades naturalmente presentes nos acontecimentos, isso faz com que seja necessária uma maior atenção não só do leitor, mas também na abordagem da matéria.

A aplicação destes tipos de enquadramento e a ênfase de certos valores na construção da notícia mostra que certas práticas da cultura profissional jornalística, usando como exemplo o objeto de estudo desta dissertação, são questionáveis.

Como por exemplo, a personificação, é importante dar voz aos personagens dos fatos noticiados nos jornais. O que foi feito em apenas 7 das

73 reportagens analisadas. Nas demais, os personagens foram citados dentro de um coletivo de atos, ou reivindicações sobre as quais pouco se reflete a respeito.

Uma narrativa mais dialógica com o público poderia oferecer aos cidadãos a possibilidade de exercer os seus direitos de forma mais consciente. Uma maior preocupação com o público como sociedade, e não somente com a audiência que ele gera, ajudaria em um diálogo em que todos teriam acesso ao poder de colaborar com a construção de um jornalismo mais pluralizado. A comunicação só pode ser apreendida como a ligação de tudo isto, a ponte que torna compreensíveis os fenômenos de massa da sociedade moderna.

Esta narrativa pode ser retomada a partir do entendimento da esfera pública. Arendt defende que o que a esfera pública considera relevante pode ter um escanto tão extraordinário e contagiante que todo um povo pode adotá-lo como modo de vida, sem com isso alterar o caráter privado (Arendt, 2001, p.61).

Nas condições de um mundo comum, a realidade não é garantida pela natureza comum de todos os homens que o constituem, mas, sobretudo, pelo fato que, a despeito de diferenças de posição e da resultante variedade de perspectivas, todos estão sempre interessados no mesmo objeto. Quando já não se pode discernir a mesma identidade do objeto, nenhuma natureza humana comum, e muito menos o conformismo artificial de uma sociedade de massas, pode evitar a destruição dos muitos aspectos nos quais ele se apresenta à pluralidade humana (Arendt, 2001, p.67).

4. Referências Bibliográficas

Avritzer, Leonardo, **O que foram as manifestações de junho e o que é insustentável afirmar sobre elas**, Disponível em: <http://democraciaejustica.org/cienciapolitica3/node/1114>. Acesso em: jan/2016.

BENETTI, Márcia; LAGO, Cláudia. **Metodologia de Pesquisa em jornalismo**. 3ª edição, Petrópolis: Coleção Fazer Jornalismo, 2007.

BOBBIO, Norberto, **Estado Governo sociedade**. 1ª. ed, São Paulo: Paz e Terra, 1986.

CAUSA BRASIL, Disponível em: <http://www.causabrasil.com.br/>, Acesso em dez/2015.

CORREIA, João Carlos, **Jornalismo e espaço público**. Estudos em comunicação. Covilhã, Portugal: Universidade Beira Interior, 1998. E-book.

CORREIA, João Carlos, **Sociedade e comunicação: estudos sobre jornalismo e identidades**. Estudos em comunicação. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2005.

CHRISTOFOLETTI, Rogério, 2010, **Vitrine e Vidraça**. Covilhã, Portugal: UBI, LabCom, Livros LabCom 2010. E-book.

HABERMAS, Jürgen. **Communication and the Evolution of Society**, Cambridge, Polity Press, 1995.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**, Tempo Brasileiro. 2ª ed. 2003.

HANNAH ARENDT: ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2001.

LIPPMANN, Walter, **Opinião Pública**. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2008.

MARCONDES FILHO, **O Capital da Notícia**, Porto Alegre, Ed. Ática 1986.

MARSHALL, Leandro. **O Jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**; narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista; Responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1982.

MUNIZ, Altemar da Costa. As Mudanças da Linha Editorial na Folha de São Paulo (1979-1989). Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1116/1/Art_1999_AdaC.Muniz.pdf. Acesso em: dez/2015.

NATIVIDADE CARLOS, Eliana, **A Mídia e as Manifestações de junho de 2013: Uma análise de produtos midiáticos**. Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, 2015.

SILVEIRA, S. A. **Esfera Pública Interconetada, blogosfera e redes sociais**. In: MARQUES, A.; COSTA, C. T.; KÜNSCH, D. et al (orgs.) *Esfera pública, redes e jornalismo*. Rio de Janeiro, E-Papers, 2009, p. 9-30

SOARES, Murilo, 2009, **Representações, Jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo, UNESP, 2009.

TRAQUINA, Nelson, **Teorias do Jornalismo I**. 3ª .ed, Florianópolis: Insular, 2012.

5. Anexos

Links das reportagens analisadas:

- 1 - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291967-e-impossivel-controlar-a-revolta-diz-movimento-apos-protestos.shtml>
- 2 - <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/113330-manifestantes-publicam-video-para-criticar-repressao-policial.shtml>
- 3 - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293061-juventude-do-pt-engrossa-protesto-contratarifa.shtml>
- 4 - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1293726-para-prefeita-em-exercicio-manifestacoes-violentas-impedem-dialogo.shtml>
- 5 - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294453-para-comandante-da-pm-protesto-contratarifa-tem-gente-que-nao-usa-transporte.shtml>
- 06 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...litica-diz-sociologo-veja.shtml>
- 7 - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294799-em-protesto-seis-reporteres-da-folha-sao-atingidos-2-levam-tiro-no-rosto.shtml>
- 8 - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294963-haddad-critica-violencia-policial-e-descarta-reduzir-tarifa.shtml>
- 9 - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295606-ultimo-manifestante-ainda-presos-no-ato-de-terca-contrao-aumento-da-tarifa-e-liberado.shtml>
- 10 - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295655-apos-violencia-manifestantes-de-sp-ganham-apoio-de-instituicoes.shtml>
- 11 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...ruta-punks-para-protestos.shtml>
- 12 - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296352-movimento-passe-livre-quer-reuniao-com-haddad-para-debater-tarifa.shtml>

- 13 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...a-protesto-contratarifas.shtml>
- 14 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...nte-protesto-em-sao-paulo.shtml>
- 15 - <http://f5.folha.uol.com.br/huma...-em-apoio-a-manifestacoes.shtml>
- 16 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...-catraca-vidro-e-quebrado.shtml>
- 17 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...-e-tem-cenas-de-violencia.shtml>
- 18 - <http://www1.folha.uol.com.br/po...-de-fogo-em-manifestacoes.shtml>
- 19 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...do-durante-protesto-em-sp.shtml>
- 20 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...a-das-manifestacoes-em-sp.shtml>
- 21 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...ad-farao-anuncio-conjunto.shtml>
- 22 - <http://f5.folha.uol.com.br/huma...de-manifestantes-gatinhos.shtml>
- 23 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...antes-na-avenida-paulista.shtml>
- 24 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...uas-durante-manifestacoes.shtml>
- 25 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...tem-passagem-pela-policia.shtml>
- 26 - <http://datafolha.folha.uol.com....manifestacoes-na-paulista.shtml>
- 27 - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298416-manifestantes-entoam-palavras-de-ordem-contrapartidos-em-ato-em-sp.shtml>
- 28 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...aulista-homem-fica-ferido.shtml>
- 29 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...-cabeca-em-sp-veja-videos.shtml>
- 30 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...soas-as-ruas-em-todo-pais.shtml>
- 31 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...contra-partidos-politicos.shtml>
- 32 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...anifestacoes-em-sao-paulo.shtml>

- 33 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...re-protestos-veja-imagens.shtml>
- 34 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...antes-em-sp-diz-datafolha.shtml>
- 35 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...obre-a-serie-de-protestos.shtml>
- 36 - <http://www1.folha.uol.com.br/fo...em-o-que-esta-acontecendo.shtml>
- 37 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...e-livre-de-sp-volta-atras.shtml>
- 38 - <http://www1.folha.uol.com.br/sa...-homenagear-manifestacoes.shtml>
- 39 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...a-zona-norte-de-sao-paulo.shtml>
- 40 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...ida-paulista-neste-sabado.shtml>
- 41 - <http://www1.folha.uol.com.br/il...torio-tipico-da-esquerda.shtml>
- 42 - <http://www1.folha.uol.com.br/sa...u-em-saques-e-depredacoes.shtml>
- 43 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...festacoes-devem-continuar.shtml>
- 44 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...tres-bairros-de-sao-paulo.shtml>
- 45 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...taca-imprensa-estrangeira.shtml>
- 46 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...aulas-sobre-manifestacoes.shtml>
- 47 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...-assinado-por-tarifa-zero.shtml>
- 48 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...a-custar-r-3-em-sao-paulo.shtml>
- 49 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...coes-como-caso-de-policia.shtml>
- 50 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...ao-do-preco-das-passagens.shtml>
- 51 - <http://www1.folha.uol.com.br/po...orma-politica-diz-alckmin.shtml>
- 52 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...rantes-do-mpl-no-planalto.shtml>
- 53 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...-todas-as-regioes-do-pais.shtml>

- 54 - <http://www1.folha.uol.com.br/po...as-opoe-dilma-a-prefeitos.shtml>
- 55 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...s-na-periferia-de-sp-hoje.shtml>
- 56 - <http://www1.folha.uol.com.br/po...taria-de-direitos-humanos.shtml>
- 57 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...de-protestos-nas-capitais.shtml>
- 58 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...sta-e-da-consolacao-em-sp.shtml>
- 59 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...ontinua-na-zona-sul-de-sp.shtml>
- 60 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...o-menos-700-pessoas-em-sp.shtml>
- 61 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...m-de-sabatina-hoje-as-15h.shtml>
- 62 - <http://www1.folha.uol.com.br/me...to-de-protestos-em-leilao.shtml>
- 63 - <http://www1.folha.uol.com.br/po...-da-oposicao-aponta-livro.shtml>
- 64 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...correncia-de-onibus-em-sp.shtml>
- 65 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...-do-estado-esta-bloqueada.shtml>
- 66 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...criar-um-partido-politico.shtml>
- 67 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...oqueiam-vias-em-sao-paulo.shtml>
- 68 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...oes-terminam-em-sao-paulo.shtml>
- 69 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...m-protesto-continua-presos.shtml>
- 70 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...iros-apoiam-manifestacoes.shtml>
- 71 - <http://www1.folha.uol.com.br/po...to-politico-dos-protestos.shtml>
- 72 - <http://www1.folha.uol.com.br/bb...ltam-de-nova-classe-media.shtml>
- 73 - <http://www1.folha.uol.com.br/co...entes-na-zona-oeste-de-sp.shtml>

